

| DIREÇÃO |
2018 | 2019

Presidente
Vera Lúcia Deboni

Vice-Presidente Administrativo
Orlando Faccini Neto

Vice-Presidente
de Patrimônio e Finanças
Cristiano Vilhalba Flores

Vice-Presidente Cultural
Madgéli Frantz Machado

Vice-Presidente Social
Patrícia Antunes Laydner

Vice-Presidente de Aposentados
Benedito Felipe Rauen Filho

Organizado
por Madgéli Frantz Machado, Marcia
Kern e Ícaro Carvalho de Bem Osório

Capa, Projeto Gráfico e Diagramação
Rodrigo Cambará

Produção
Emily Melo Borges

Revisora
Maria Inês Möllmann -
Relações Públicas (CONRER RS/SC
Nº 0890) e Jornalista (MTb/RS nº 8472)

Impressão
Gráfica Odisséia

| APOIO |



| ORGANIZAÇÃO |

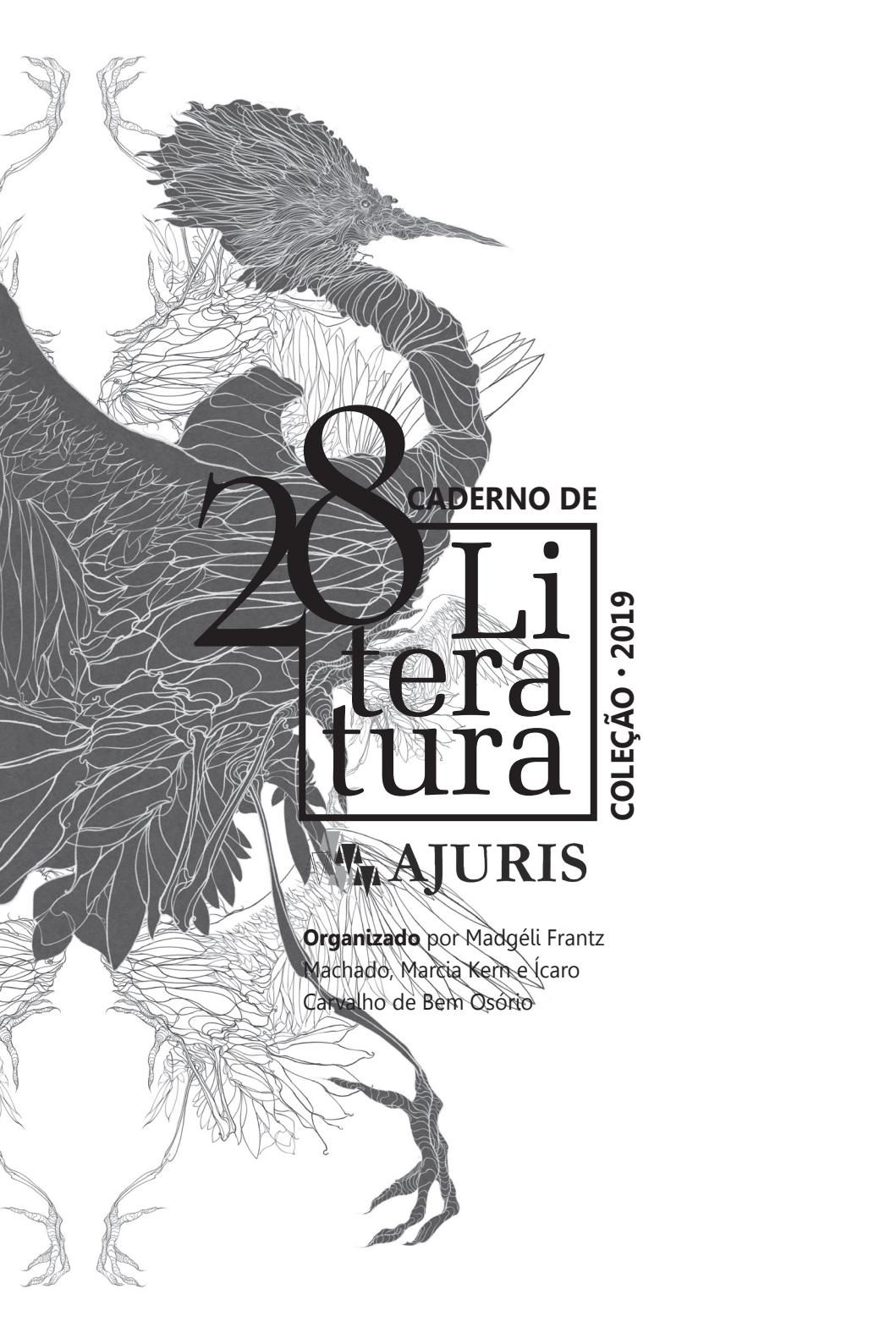


CADERNO DE LITERATURA 28

75
ANOS
AJURIS

| TEXTOS |

Adair Philippsen
Breno Brasil Cuervo
Cassiano Rodka
Claudete Morsch Pereira Soares
Élio Figueiredo
Emanuel Medeiros Vieira
Flávia Lopes da Silveira
Gabriel Vergopolan Mileski
Gabriela Ewald Richinitti
Genacéia Alberton
Geni Oliveira
Ícaro Carvalho de Bem Osório
José Nedel
Juliana Berlim
Juliana Schaidhauer
Leila Torelly Fraga
Letícia Alvarez Ucha
Lucas Barroso
Mafalda dos Santos
Marcia Kern
Marta Leiria
Matheus de Lima Borges
Maurício da Rosa Ávila
Miguel Antonio Juchem
Mônica Becker Dahlem
Nadir Silveira Dias
Nei Pires Mitidiero
Newton Luís Medeiros Fabrício
Paula Cunha
Regina Maria M. Fabrício
Ricardo Mainieri
Rosane Ramos de Oliveira Michels
Sabrina Dalbelo
Simone Möllerke
Vasco Della Giustina
Victoria Mazzola Schunemann
Zeli Scheibel



28 CADERNO DE Literatura

MAJURIS

CADERNO DE

COLEÇÃO • 2019

Organizado por Madgéli Frantz
Machado, Marcia Kern e Ícaro
Carvalho de Bem Osório

© dos autores

Todos os direitos reservados para AJURIS

Capa, Projeto Gráfico e Diagramação: Rodrigo Cambará

Produção: Emily Melo Borges

Revisão: Maria Inês Möllmann

Impressão: Gráfica Odisséia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Pública do Estado do RS, Brasil)

C122 Caderno de Literatura da AJURIS nº. 28. / organizado por Madgéli Frantz Machado, Marcia Kern e Ícaro Carvalho de Bem Osório. – Porto Alegre: AJURIS, 2019. 177 p.

ISBN: 978-85-99620-09-0

1. Literatura brasileira - miscelânea. 2. Literatura sul-rio-grandense - miscelânea. I. Machado, Madgéli Ftantz. II. Kern, Márcia. III. Osório, Ícaro Carvalho De Bem. IV. Título.

CDU 869.0 (81) - 822



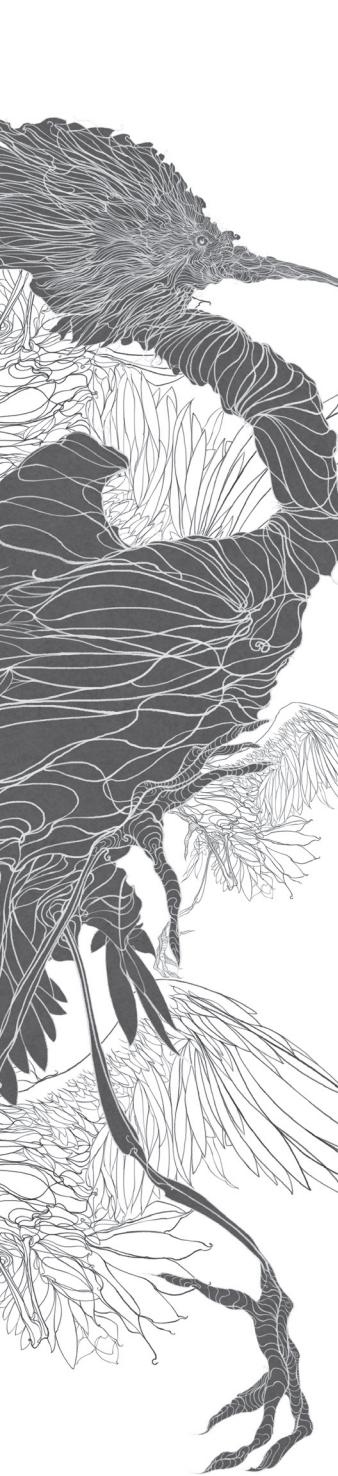


PREFÁCIO

Vera Lúcia Deboni

Presidente

5



Prefácio

"Escritor: não somente uma certa maneira especial de ver as coisas, senão também uma impossibilidade de as ver de qualquer outra maneira." Carlos Drummond de Andrade

Vera Lúcia Deboni

O ato de escrever é impulsionado por uma alma generosa. É a generosidade de um escritor que o leva a dividir seus pensamentos, suas crenças, suas angústias e suas alegrias com todos, para que suas palavras inspirem, transformem, encantem seus leitores. Ao encerrarmos a leitura de um texto, é sabido, nunca mais somos o mesmo.

É com esse sentimento que quero apresentar a 28^a edição do Caderno de Literatura da AJURIS. A obra é fruto de uma generosidade coletiva de escritores que, cada um a seu estilo e a seu formato, dividiram com a comunidade suas palavras, fonte de magia, reflexão e inquietações.

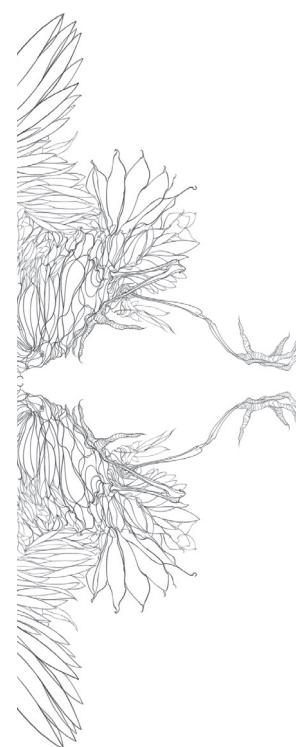
Ao escrever no hoje, nossos autores estão sendo generosos com o presente. Ao reunir todos os textos em um livro, estamos nos comprometendo que tanta generosidade transborde até o futuro, pois o livro impresso é a garantia de preservação para as próximas gerações.

Foi esse compromisso com o futuro que consolidou ao longo dos anos o Caderno de Literatura AJURIS, sob a responsabilidade do Departamento de Literatura, como um dos grandes eventos culturais da nossa Associação. E a 28^a edição tem um sabor especial: a obra é publicada no ano em que a AJURIS completa seus 75 anos como uma das principais entidades de classe do Brasil a atuar pela vida associativa e pelas prerrogativas da magistratura, sem deixar de estar presente nos cenários cultural e social.

O leitor perceberá que entre os textos do Caderno de Literatura há um assunto predominante: as questões que envolvem a sustentabilidade do planeta, a preservação do verde, o cuidado com os oceanos e as águas, as mudanças climáticas. Temas que estão na pauta das principais organizações mundiais e na mesa dos líderes das grandes nações. O que demonstra o papel não só da AJURIS, mas de toda a magistratura, de colaborar com o debate que vai além das questões associativas e que dizem respeito a toda comunidade por produzir reflexos na vida de todos nós.

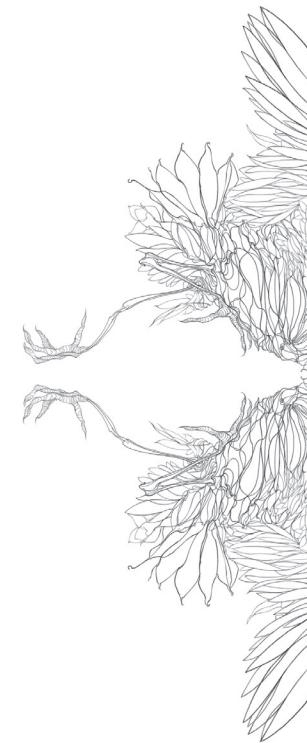
A jornada dos 28 anos do Caderno de Literatura e dos 75 da AJURIS se encontram no ano de 2019, e ambas foram construídas com a colaboração de talentos de todas as vertentes, sem personalismo, com o trabalho de muitos sendo dividido entre todos. Que essas histórias sigam sendo escritas no futuro.

Boa leitura a todos.



Sumário

I	A rouquidão do sabiá Adair Philippsen	15
II	Um breve olhar sobre o fenômeno ufológico Breno Brasil Cuervo	19
III	Instruções para um coração confuso Cassiano Rodka	27
IV	Ausência Claudete M. Pereira Soares	31
V	Uma homenagem à AJURIS Élio Figueiredo	35
VI	Eternidade Emanuel Medeiros Vieira	39
VII	Ipês, amoras e sabiás Flávia Lopes da Silveira	43
VIII	O mundo da mulher Gabriel Vergopolan Mileski	47
IX	Estação Gabriela Richinitti	51



X	O coração de Duque de Caxias Genacéia da Silva Alberton	55	XIX	Dois mundos Mafalda dos Santos	93
XI	Biel Geni Oliveira	59	XX	Pai de Ofício Marcia Kern	97
XII	Eu não passei por lugares óbvios Ícaro Carvalho de Bem Osório	63	XXI	A engenheira convicta Marta Leiria	101
XIII	Felicidade rasa José Nedel	69	XXII	Memórias de um dia esquecido Matheus de Lima Borges	105
XIV	Uma visão de futurística Juliana Berlim	73	XXIII	Certidão Maurício da Rosa Ávila	109
XV	Alberto e Carol: um romance alfabético Juliana Schaidhauer	77	XXIV	Excertos Vivenciais Miguel Antonio Juchem	113
XVI	Oitenta e Oito Leila Torelly Fraga	81	XXV	Vida Mar Mônica Becker Dahlem	117
XVII	O cão que sabia demais Letícia Alvarez Ucha	85	XXVI	Rabanada e café preto Nadir Silveira Dias	121
XVIII	Turista japonês Lucas Barroso	89	XXVII	A Luz do Entardecer Nei Pires Mitidiero	125
			XXVIII	Como morrem os sonhos Newton Luís Medeiros Fabrício	131

XXVII	Até onde o sangue escorre Paula Cunha	137
XXX	O nome dele é Theo Regina Fabrício	141
XXXI	Fragmentos Ricardo Mainieri	145
XXXII	Madrepérola Rosane Ramos de Oliveira Michels	149
XXXIII	Meu Coração não é Emojí Sabrina Dalbelo	153
XXXIV	[Menino] Simone Möllerke	157
XXXV	A arma do crime e o perdão do juiz Vasco Della Giustina	161
XXXVI	Carta de um poeta arrependido Victoria Schunemann	165
XXXVII	Do sapato à mala Zeli Scheibel	171

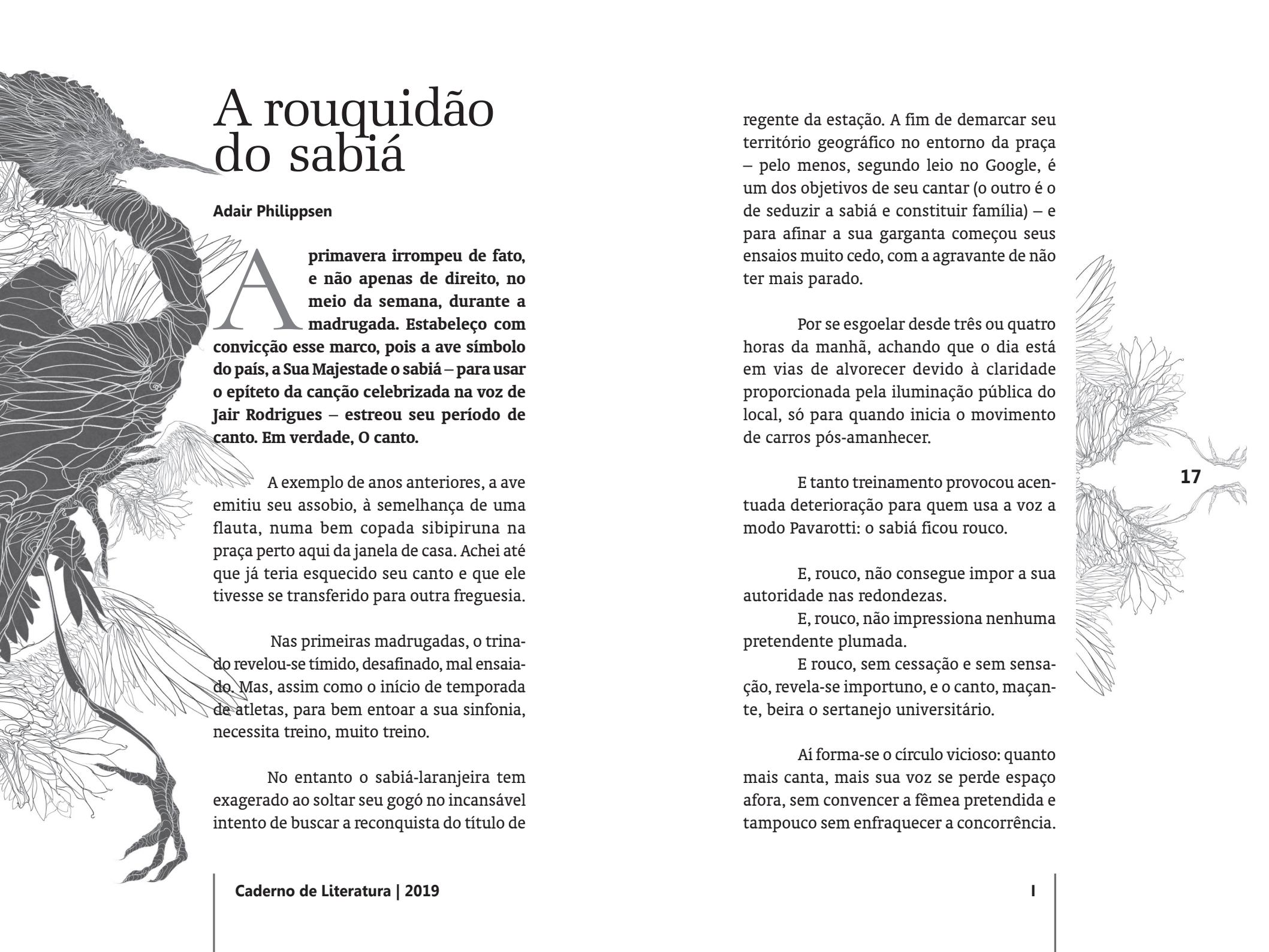


I A ROUQUIDÃO DO SABIA

Adair Philippsen

Juiz de Direito
aposentado, Prefeito
de Santo Cristo.

15



A rouquidão do sabiá

Adair Philippse

A primavera irrompeu de fato, e não apenas de direito, no meio da semana, durante a madrugada. Estabeleço com convicção esse marco, pois a ave símbolo do país, a Sua Majestade o sabiá – para usar o epíteto da canção celebrizada na voz de Jair Rodrigues – estreou seu período de canto. Em verdade, O canto.

A exemplo de anos anteriores, a ave emitiu seu assobio, à semelhança de uma flauta, numa bem copada sibipiruna na praça perto aqui da janela de casa. Achei até que já teria esquecido seu canto e que ele tivesse se transferido para outra freguesia.

Nas primeiras madrugadas, o trinado revelou-se tímido, desafinado, mal ensaiado. Mas, assim como o início de temporada de atletas, para bem entoar a sua sinfonia, necessita treino, muito treino.

No entanto o sabiá-laranjeira tem exagerado ao soltar seu gogó no incansável intento de buscar a reconquista do título de

regente da estação. A fim de demarcar seu território geográfico no entorno da praça – pelo menos, segundo leio no Google, é um dos objetivos de seu cantar (o outro é o de seduzir a sabiá e constituir família) – e para afinar a sua garganta começou seus ensaios muito cedo, com a agravante de não ter mais parado.

Por se esgoelar desde três ou quatro horas da manhã, achando que o dia está em vias de alvorecer devido à claridade proporcionada pela iluminação pública do local, só para quando inicia o movimento de carros pós-amanhecer.

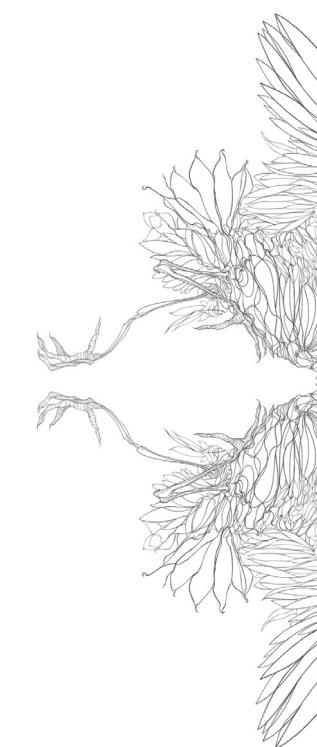
E tanto treinamento provocou acentuada deterioração para quem usa a voz a modo Pavarotti: o sabiá ficou rouco.

E, rouco, não consegue impor a sua autoridade nas redondezas.

E, rouco, não impressiona nenhuma pretendente plumada.

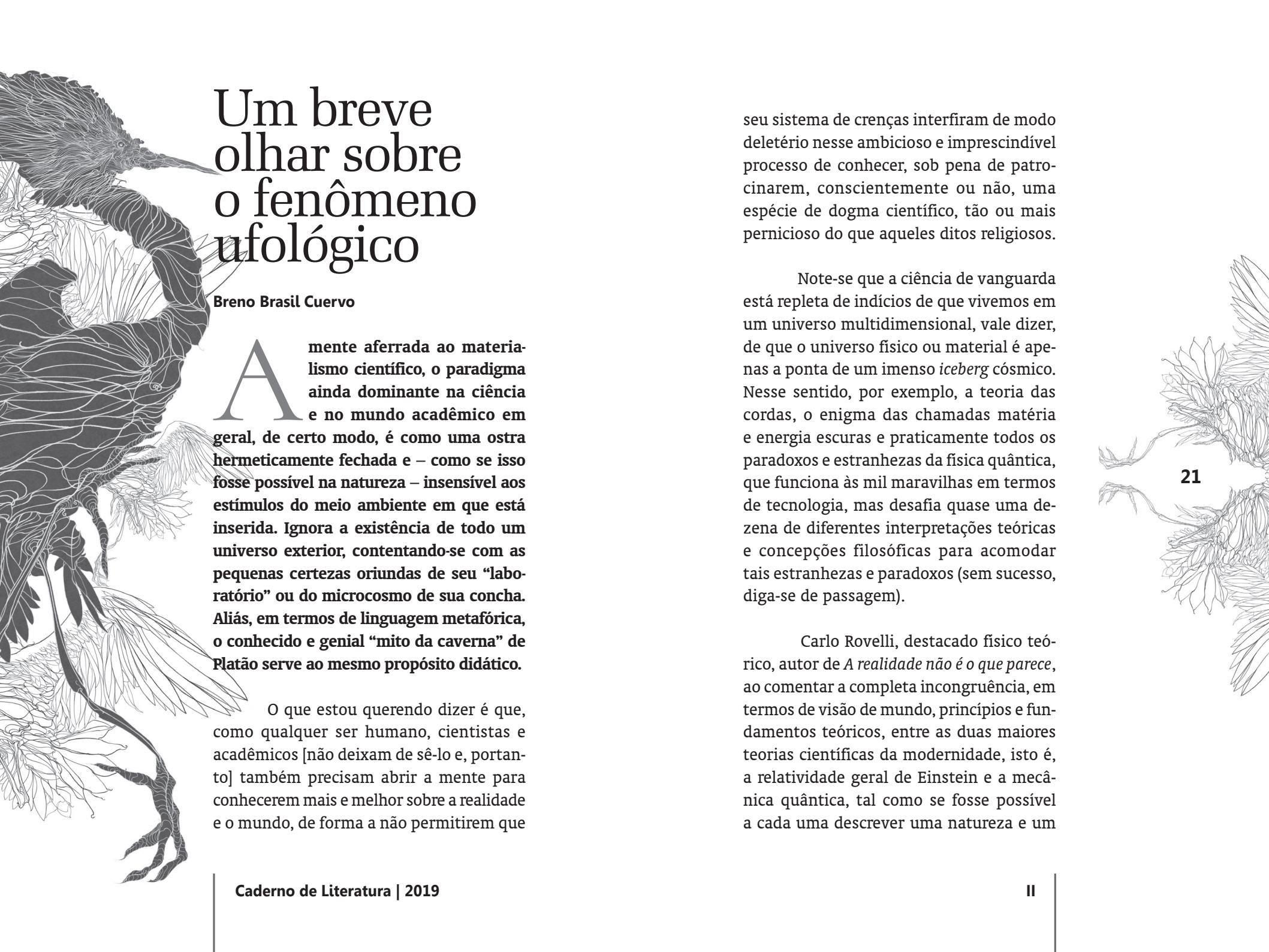
E rouco, sem cessação e sem sensação, revela-se importuno, e o canto, maçante, beira o sertanejo universitário.

Aí forma-se o círculo vicioso: quanto mais canta, mais sua voz se perde espaço afora, sem convencer a fêmea pretendida e tampouco sem enfraquecer a concorrência.



Faço apenas a constatação: por obséquio, não me tenham por insensível frente à lírica da natureza! Mas temo que, se souber desta crônica, vá se vingar e comece a cantar mais cedo ainda. Tomara que não a leia e, se não estiver pedindo demais, que o caro leitor nada fale ao sabiá. E isso porque, se acaso for juntar-se aos demais, não se sabe o que pode acontecer. Afinal, sabiás unidos, jamais serão emudecidos.





Um breve olhar sobre o fenômeno ufológico

Breno Brasil Cuervo

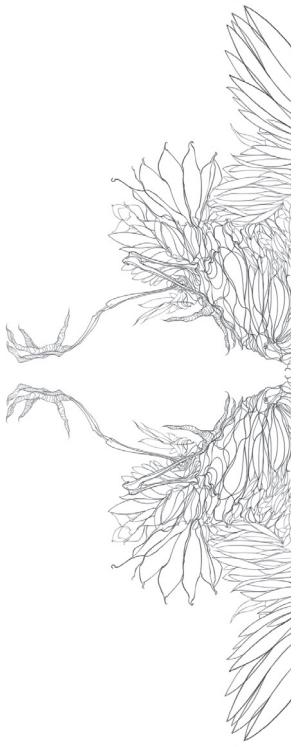
Amente aferrada ao materialismo científico, o paradigma ainda dominante na ciência e no mundo acadêmico em geral, de certo modo, é como uma ostra hermeticamente fechada e – como se isso fosse possível na natureza – insensível aos estímulos do meio ambiente em que está inserida. Ignora a existência de todo um universo exterior, contentando-se com as pequenas certezas oriundas de seu “laboratório” ou do microcosmo de sua concha. Aliás, em termos de linguagem metafórica, o conhecido e genial “mito da caverna” de Platão serve ao mesmo propósito didático.

O que estou querendo dizer é que, como qualquer ser humano, cientistas e acadêmicos [não deixam de sê-lo e, portanto] também precisam abrir a mente para conhecerem mais e melhor sobre a realidade e o mundo, de forma a não permitirem que

seu sistema de crenças interfiram de modo deletério nesse ambicioso e imprescindível processo de conhecer, sob pena de patrocinarem, conscientemente ou não, uma espécie de dogma científico, tão ou mais pernicioso do que aqueles ditos religiosos.

Note-se que a ciência de vanguarda está repleta de indícios de que vivemos em um universo multidimensional, vale dizer, de que o universo físico ou material é apenas a ponta de um imenso *iceberg* cósmico. Nesse sentido, por exemplo, a teoria das cordas, o enigma das chamadas matéria e energia escuras e praticamente todos os paradoxos e estranhezas da física quântica, que funciona às mil maravilhas em termos de tecnologia, mas desafia quase uma dezena de diferentes interpretações teóricas e concepções filosóficas para acomodar tais estranhezas e paradoxos (sem sucesso, diga-se de passagem).

Carlo Rovelli, destacado físico teórico, autor de *A realidade não é o que parece*, ao comentar a completa incongruência, em termos de visão de mundo, princípios e fundamentos teóricos, entre as duas maiores teorias científicas da modernidade, isto é, a relatividade geral de Einstein e a mecânica quântica, tal como se fosse possível a cada uma descrever uma natureza e um

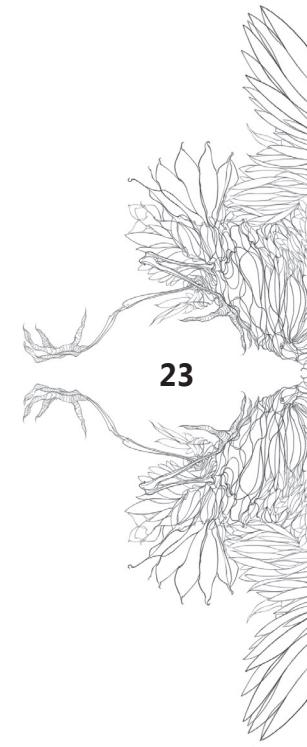


universo não só distintos como – repito – incongruentes entre si, escreveu: “O paradoxo é que ambas as teorias funcionam terrivelmente bem ... É claro que há algo que ainda nos escapa” (p. 144).

Pois a solução do enigma vislumbrado por Rovelli (ou aquilo que “nos escapa”) e pelos físicos materialistas em geral é exatamente a noção de um universo multidimensional, assim como sugere ostensivamente a prefalada Teoria das Cordas, que só faz sentido matematicamente em onze dimensões e, atualmente, é considerada a candidata mais promissora a uma “Teoria de Tudo”, isto é, uma teoria que unifique de forma coerente aquelas outras duas (objetivo que, ao longo de décadas, vem sendo tratado como a busca do “Santo Graal” em Física).

De fato, como já referi alhures, é exatamente isso que a ideia de um universo com “n” dimensões traz: o que era separação, vira união; o que era dualidade, vira unidade; o que não tinha sentido, adquire-o. O paradoxo desaparece quando se leva em conta a existência de outros níveis de realidade. Na verdade, os paradoxos se reconciliam!

Ocorre que tal concepção “escapa” à mente materialista pela singela razão de que se choca com sua concepção de mundo, ou seja, o objeto sobre o qual recai está fora

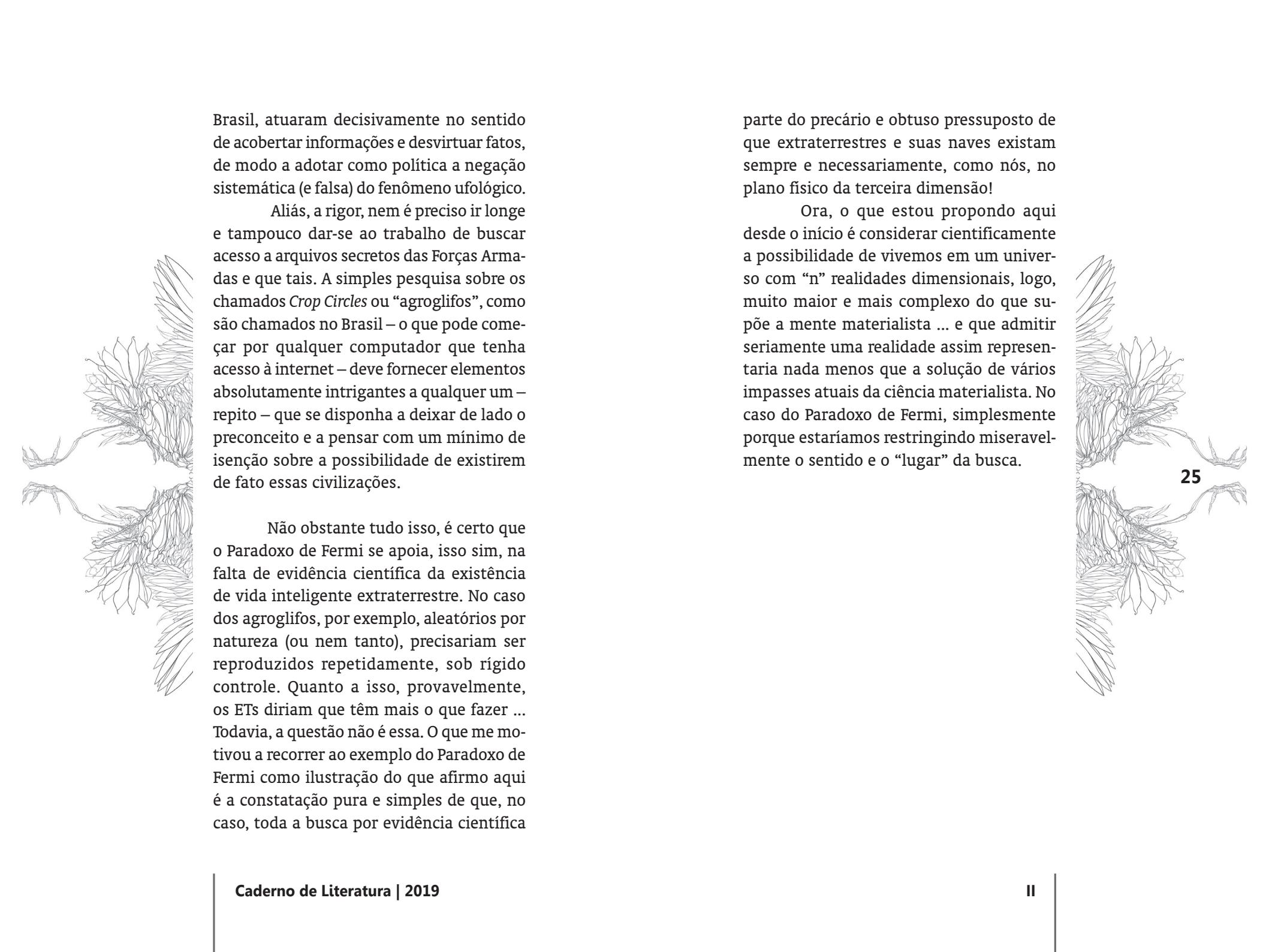


da esfera de suas crenças mais arraigadas e, portanto, não pode existir e ponto final!

Por amor à clareza e à didática, vou me permitir agora um exemplo que considero simplesmente emblemático, inclusive porque não tem a ver diretamente com nenhuma das teorias até aqui mencionadas.

Refiro-me ao chamado “Paradoxo de Fermi”, assim considerada a aparente contradição entre a altíssima probabilidade de existência de civilizações extraterrestres – afinal, como se sabe, apenas em nossa Via Láctea, uma entre bilhões de outras galáxias, existem entre cem e duzentos bilhões de estrelas – e a falta de qualquer evidência científica nesse sentido. É claro que aqui também abundam indícios no sentido da efetiva existência dessas civilizações.

Qualquer um que se disponha a estudar o assunto seriamente e com um mínimo de isenção de ânimo, desde que se disponha também a sair do laboratório e ganhar o mundo, vai se defrontar com esses indícios. A Ufologia é pródiga no estudo de casos para os quais não se encontra qualquer explicação convencional, tornando perfeitamente plausível, senão convincente mesmo, a existência de vida inteligente extraterrestre. Há indícios sérios, inclusive, de que autoridades governamentais e militares de diversos países, inclusive no



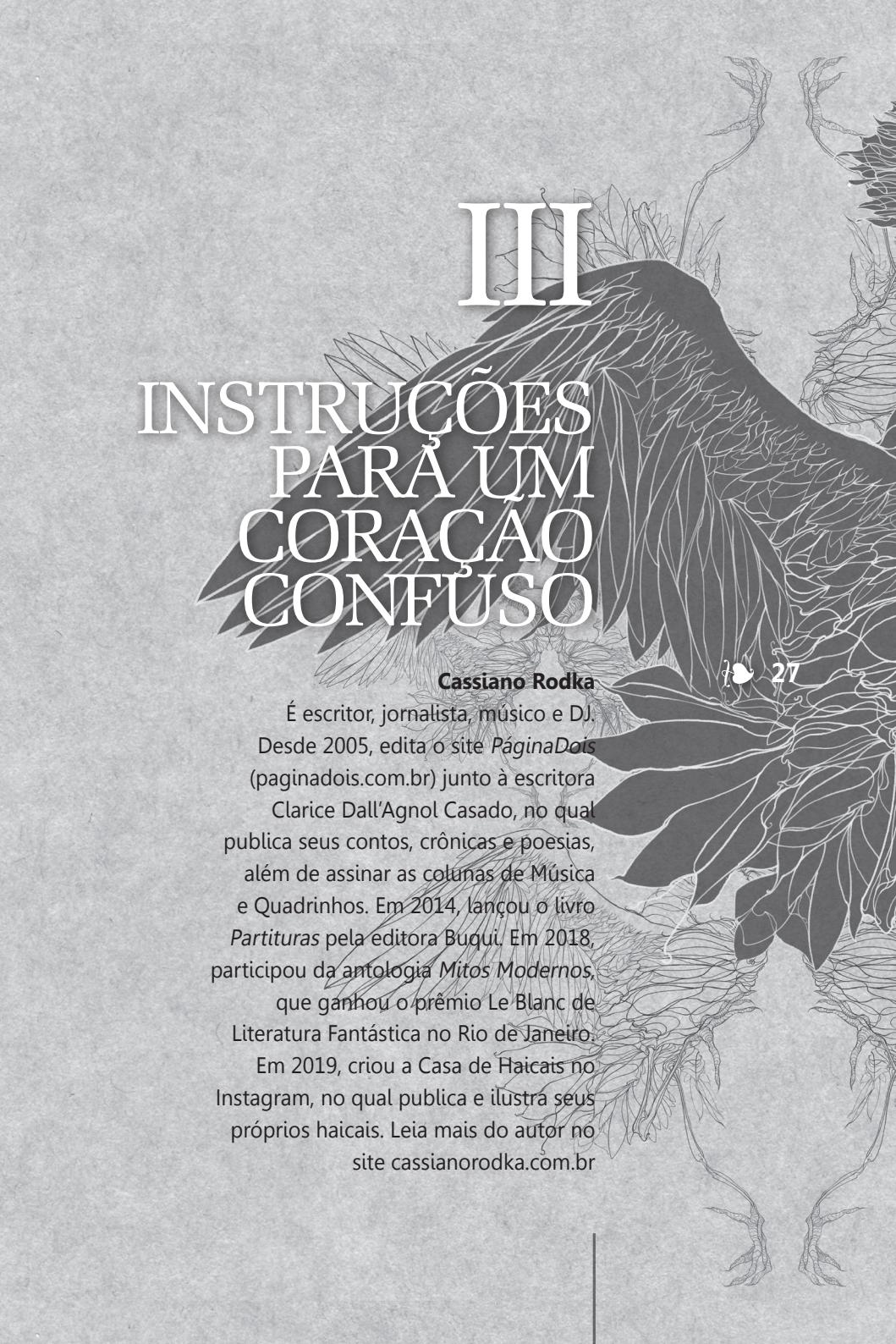
Brasil, atuaram decisivamente no sentido de acobertar informações e desvirtuar fatos, de modo a adotar como política a negação sistemática (e falsa) do fenômeno ufológico.

Aliás, a rigor, nem é preciso ir longe e tampouco dar-se ao trabalho de buscar acesso a arquivos secretos das Forças Armadas e que tais. A simples pesquisa sobre os chamados *Crop Circles* ou “agroglifos”, como são chamados no Brasil – o que pode começar por qualquer computador que tenha acesso à internet – deve fornecer elementos absolutamente intrigantes a qualquer um – repito – que se disponha a deixar de lado o preconceito e a pensar com um mínimo de isenção sobre a possibilidade de existirem de fato essas civilizações.

Não obstante tudo isso, é certo que o Paradoxo de Fermi se apoia, isso sim, na falta de evidência científica da existência de vida inteligente extraterrestre. No caso dos agroglifos, por exemplo, aleatórios por natureza (ou nem tanto), precisariam ser reproduzidos repetidamente, sob rígido controle. Quanto a isso, provavelmente, os ETs diriam que têm mais o que fazer ... Todavia, a questão não é essa. O que me motivou a recorrer ao exemplo do Paradoxo de Fermi como ilustração do que afirmo aqui é a constatação pura e simples de que, no caso, toda a busca por evidência científica

parte do precário e obtuso pressuposto de que extraterrestres e suas naves existam sempre e necessariamente, como nós, no plano físico da terceira dimensão!

Ora, o que estou propondo aqui desde o início é considerar cientificamente a possibilidade de vivemos em um universo com “n” realidades dimensionais, logo, muito maior e mais complexo do que supõe a mente materialista ... e que admitir seriamente uma realidade assim representaria nada menos que a solução de vários impasses atuais da ciência materialista. No caso do Paradoxo de Fermi, simplesmente porque estaríamos restringindo miseravelmente o sentido e o “lugar” da busca.

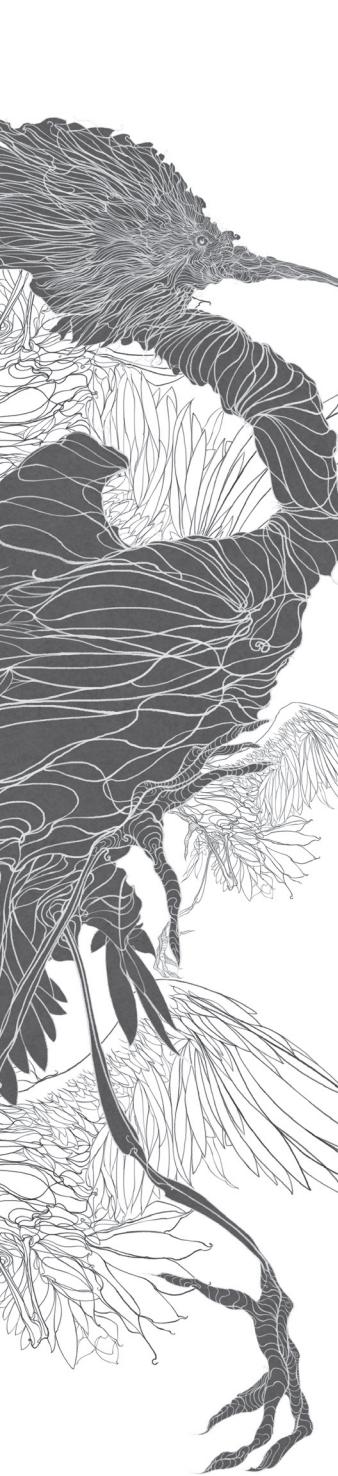


III

INSTRUÇÕES PARA UM CORAÇÃO CONFUSO

Cassiano Rodka

É escritor, jornalista, músico e DJ. Desde 2005, edita o site *PáginaDois* (paginadois.com.br) junto à escritora Clarice Dall'Agnol Casado, no qual publica seus contos, crônicas e poesias, além de assinar as colunas de Música e Quadrinhos. Em 2014, lançou o livro *Partituras* pela editora Buqui. Em 2018, participou da antologia *Mitos Modernos*, que ganhou o prêmio Le Blanc de Literatura Fantástica no Rio de Janeiro. Em 2019, criou a Casa de Haicais no Instagram, no qual publica e ilustra seus próprios haicais. Leia mais do autor no site cassianorodka.com.br



Instruções para um coração confuso

Cassiano Rodka

Rasga esse medo
e deixa o coração bater.

Escuta a melodia do teu desejo e dança. Sente o bumbo do teu peito e cai no ritmo desse pulso. Impulsivo ou verdadeiro? Verde até ficar maduro. Me dá o controle, perde o teu por completo. Encaixa tua vontade na minha, vamos do quarto à cozinha. Te despe da incerteza, baixa essa calça, derruba as coisas da mesa.

Não perca tempo,
perca-se nele.

Eu tô aqui e tu também. Só vem. Olha no olho, sente essa chama. Sem culpa, sem tralha, derruba essa muralha. Uma parede de desculpas não te mantém seguro, mas preso. Te liberta desse peso. Mente aberta, coração solto. Uma tarde, um vinho, não aguarde um carinho. Toma as rédeas dessa febre. Arde.

Sente a brisa e voa longe,
assume a forma de gaivota.

A vida passa como o vento, sem tempo pra arrependimento. Não perde a tua passagem. Embarca no trem e curte essa viagem. Vem comigo, chega junto. Se nosso destino é o mesmo, senta aí do meu lado e vamos. Dá a mão, pende a cabeça no meu ombro, sente o balançar do vagão. Deixa ser como será. Ou não saberás como seria.

Se a morte há de chegar um dia,
devolve a tua vida a poesia.

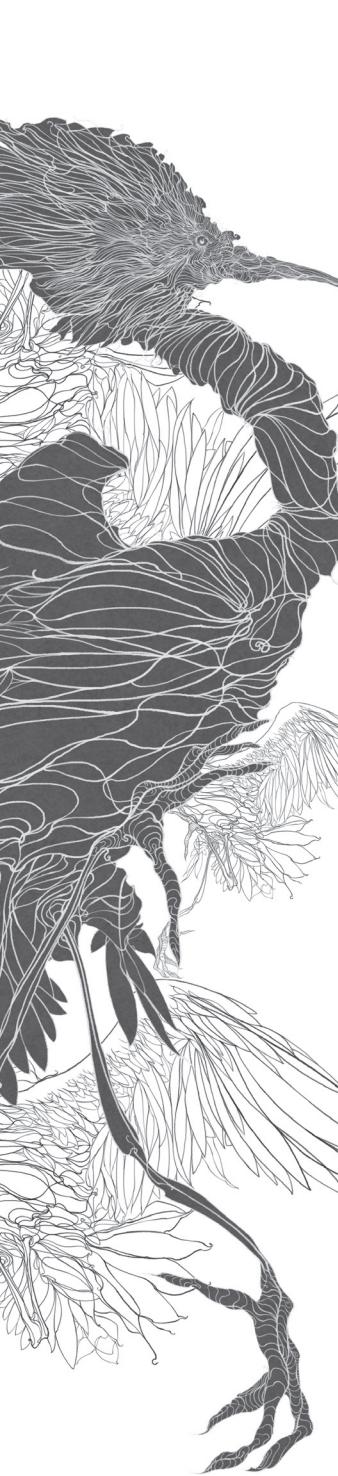


IV

AUSÊNCIA

Claudete Morsch
Pereira Soares

Advogada, Pós-graduada em
Direito Processual e Psicóloga,
colunista da Revista NOI
direcionada à Serra Gaúcha
e Porto Alegre (Coluna
Psicologia & Direito). Autora
do livro de poesias *Fazendo
Amor com o Universo em
Versos* e de diversos poemas
que integram várias
Antologias Poéticas.



Ausência

Claudete Morsch Pereira Soares

É preciso ver-te quando não estás.
Ver-te em sonhos e nos restos que deixas
pelo chão, de papéis, borrachas,
alguns pingos de café, de vida e de ilusão.

No teu cheiro disperso pela casa,
nas cortinas e paredes,
na cama revirada de pensamentos,
nas noites de amor.

Nas toalhas espalhadas pelos cantos mudos,
marcas de dedos nos espelhos e armários,
nas pegadas de tuas indecisões
e, nelas, dos teus mundos.

Nos livros de cabeceira tantas vezes lidos,
e outros solitários sobre
a mesa de trabalho,
à espera de alguma expressão.
Nas gavetas entreabertas
revelando pressa e emoção.

É preciso ver-te quando não estás.
Perceber a fissura
no peito que desconcerta,
as ondas tristes que
repousam no ar dos dias,
a ausente alma.

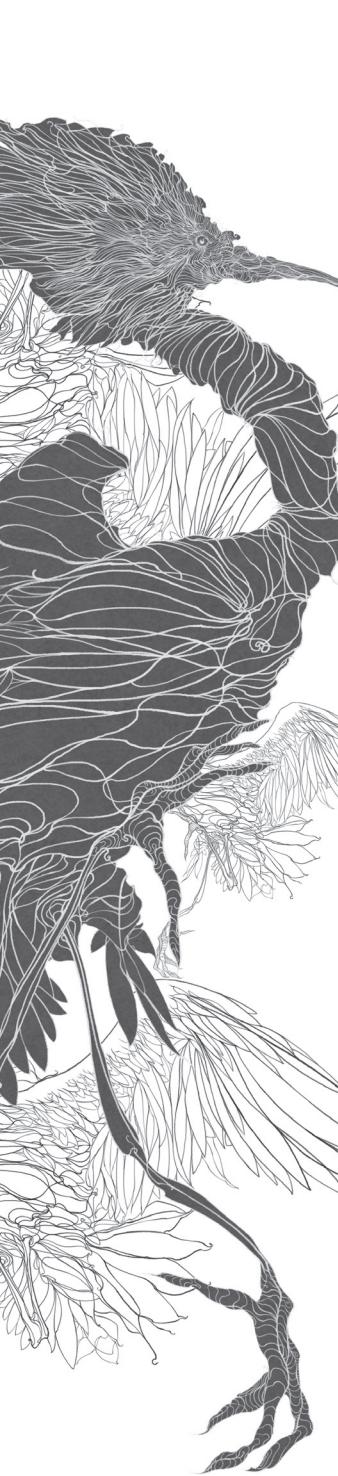
Perceber-te aninhado
na minha existência,
com teus olhos ligeiros
e o riso frouxo
de quem descobriu um dom.
Urge amar-te, quando
estás ou ficas em mim.

V UMA HOMENAGEM À AJURIS

Élio Figueiredo

Nascido em São Paulo, Capital, bacharelou-se em Direito, tendo se formado em 1972 na Faculdade de Direito do Sul de Minas, Pouso Alegre. Foi advogado por 12 anos antes do ingresso na magistratura do Estado de Rondônia, tendo sido aprovado no III Concurso daquele Estado. Aposentou-se em dezembro de 1991. Reside em São Paulo, Capital, onde advogou por mais alguns anos.

35



Uma homenagem à AJURIS

Élio Figueiredo

Aos pioneiros que,
em plena II Grande Guerra,
Juntaram-se para atender aos reclamos,
Urgentes que eram, no sentido
de melhorar a vida social.
Recadem-se, neste quartel da História,
Intermitentes, os faróis
da iniquidade social,
Sobrando à magistratura
o Poder Moderador,

Sempre alerta e à disposição de todos.
Exsurge, impávida,
a classe dos julgadores,
Trazendo à luta a necessária
e justa intervenção.
Eus integrantes, a fim
de não estarem sozinhos,
Na pugna pelo equilíbrio
social necessário,
Tentam agrupar-se, lembrando
que só com a união
Aforça da coesão permite
a resistência aos descalabros.

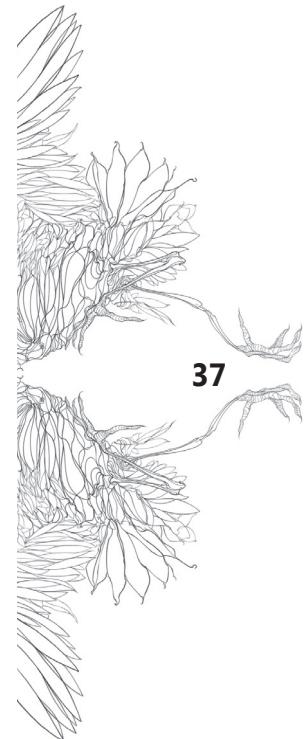
E é nas associações de classe
que se amparam esses seres,

Contaminados pelo espírito
da verdadeira JUSTIÇA,
Intrépidos, valorosos,
e que não fogem à luta,
Nenhum deles, em sã
consciência, fugirá à batalha.

Conte a sociedade com essa certeza,
de que está defendida,
Obedecidos os cânones
do Direito e da Justiça,

Amparando os mais fracos,
sustentando a Paz Social,
Nos mais recônditos cantos
deste país continental,
Os homens da Justiça estão
e estarão a postos, intmoratos.
São a certeza de que a AJURIS
congrega estes há 75 anos.

É uma singela homenagem
do colega Élio Figueiredo
Parabéns, AJURIS.





VI

ETERNIDADE

Emanuel Medeiros Vieira

Nascido em Florianópolis, SC, em
31 de março de 1945. Reside em
Brasília há 41 anos. Formou-se
Direito pela Universidade Federal
do Rio Grande do Sul (1969).

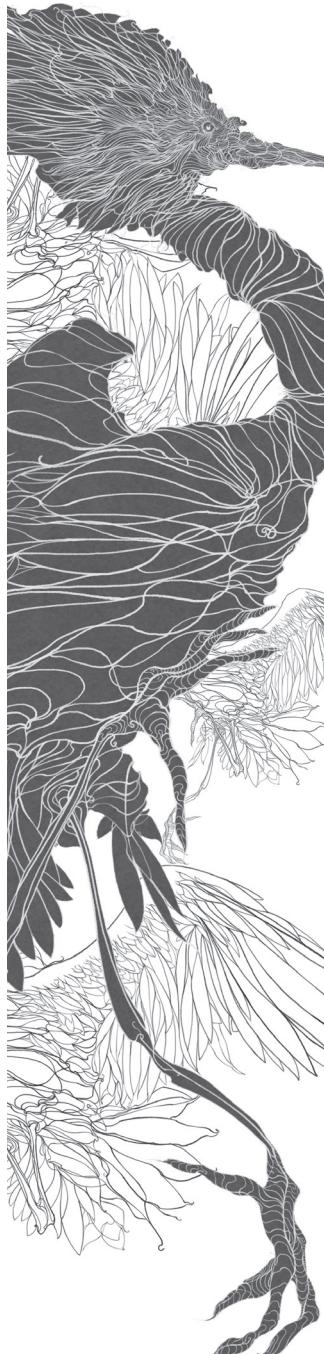
Fundou cine-clubes, grêmios
literários, vendeu livros, exerceu o
magistério e o jornalismo, além de
redigir discursos parlamentares.

Ao todo, publicou 24 (vinte e
quatro) livros. Participou de mais
de cinquenta antologias
no Brasil e no exterior.

Eternidade

Emanuel Medeiros Vieira

Onde estão as estantes
dos livros que não escrevemos?
De todos os livros lidos?
E tantos ainda faltam.
*"Estendem-se pelo espaço remoto
da biblioteca universal"*
Aproprio-me do que já foi pensado
(e tudo já foi concebido):
"Estamos sempre no começo
do começo da letra A".
Assim chegaremos à eternidade:
a infância debruçada sobre nós
– minha peregrinação:
"Há um caminho por onde passo
/e outro que passa por mim/
Um anda por meus passos/e não tem fim
/O outro é onde meus passos perderam-se
de mim." (Miguel Sanchez Neto).
Eternidade:
O tempo é um orixá que não incorpora
porque humano algum suportaria
o seu peso.
Sede de Infinito:
não cessa nunca.



VII IPÊS, AMORAS E SABIAS

Flávia Lopes da Silveira

Possui graduação em Design:
projeto de produto pela
Universidade Franciscana
(UNIFRA). Possui especialização
em Design: produto-gráfico
e informação pelo Centro
Universitário Ritter dos Reis
(UniRitter). Possui mestrado
e doutorado em Design com
enfase em Tecnologia pela
Universidade Federal do Rio
Grande do Sul (UFRGS).

43



Ipês, amoras e sabiás

Flávia Lopes da Silveira

Sabe aquelas peças de roupa mais pesadas, que deixamos para os frios mais intensos e rigorosos? Há alguns anos reparo que o inverno inteiro se passa e que não uso algumas peças de roupa como estas.

Noto também que as árvores florescem antes do tempo. As frutas amadurecem antes do tempo. Até os pássaros cantam antes do tempo. E não é que eu não goste de flores, frutas ou canto. Apenas sinto que os ipês, as amoras e os sabiás, assim como eu, andam se sentindo um pouco confusos.

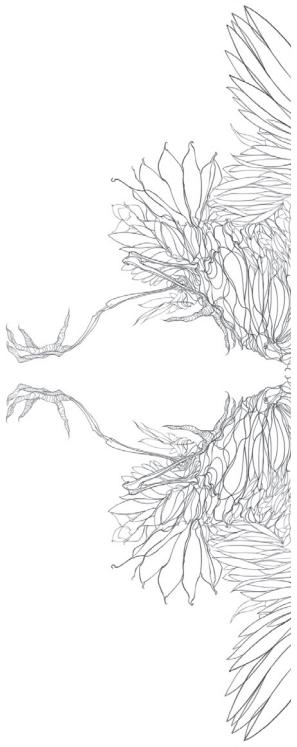
Cicatrizes

Flávia Lopes da Silveira

Tenho almoçado em casa ultimamente. Hoje decidi almoçar em algum restaurante próximo. Entrei em um local que vou sempre, escolhi uma mesa e sentei-me ao lado de uma senhora que estava acompanhada de uma menina. A menina parecia ser sua filha adolescente. Da mesa ao lado, inevitavelmente, ouço um pouco do que elas conversam.

Também percebo alguns gestos e expressões. Noto que ambas trocam algumas palavras ao olhar atentamente para o braço esquerdo da menina, o qual possuía uma cicatriz. A cicatriz era grande e parecia ser recente. Me lembrei então da cicatriz que tenho. Grande como a dela. Também no braço esquerdo. Inclusive no mesmo lugar próximo ao cotovelo, diga-se de passagem.

Na época, eu tinha 18 anos e estava na fazenda do meu pai. Andava a cavalo. Acho que fiz um movimento e assustei o animal, que correu em direção à porteira. Sofri um acidente. Fraturei o braço esquerdo. Duas cirurgias. Uma placa. Sete pinos. Muito medo. Eu era tão menina, tinha tantas inseguranças. Medo da dor. Medo de



perder alguns movimentos do braço. Medo de uma marca feia eternamente. Passados alguns minutos, depois de pensar em tudo isso que aconteceu, me solidarizei com a menina da mesa ao lado e sem conseguir me conter interrompi a conversa de mãe e filha dizendo: "Sabia que tenho uma cicatriz igual a tua? Que idade tu tens e o que andou aprontando?". Ambas param de conversar e a menina diz para mim: "Tenho 18 anos, quebrei o braço esquerdo ao cair de um cavalo e me recupero de uma cirurgia. Tive que colocar uma placa e alguns pinos." Em poucos segundos aquela menina, ali na minha frente, acabara de me contar a minha própria história! Vi nela todas as inseguranças que eu tinha com aquela mesmíssima idade. Então disse a ela que não tivesse aqueles medos todos, que a dor passaria, que o seu braço não perderia os movimentos e que ela, um dia, assim como eu, acharia um charme aquela cicatriz, porque, na verdade, ela lhe faria única. Disse que no final tudo passaria, tudo ficaria bem.

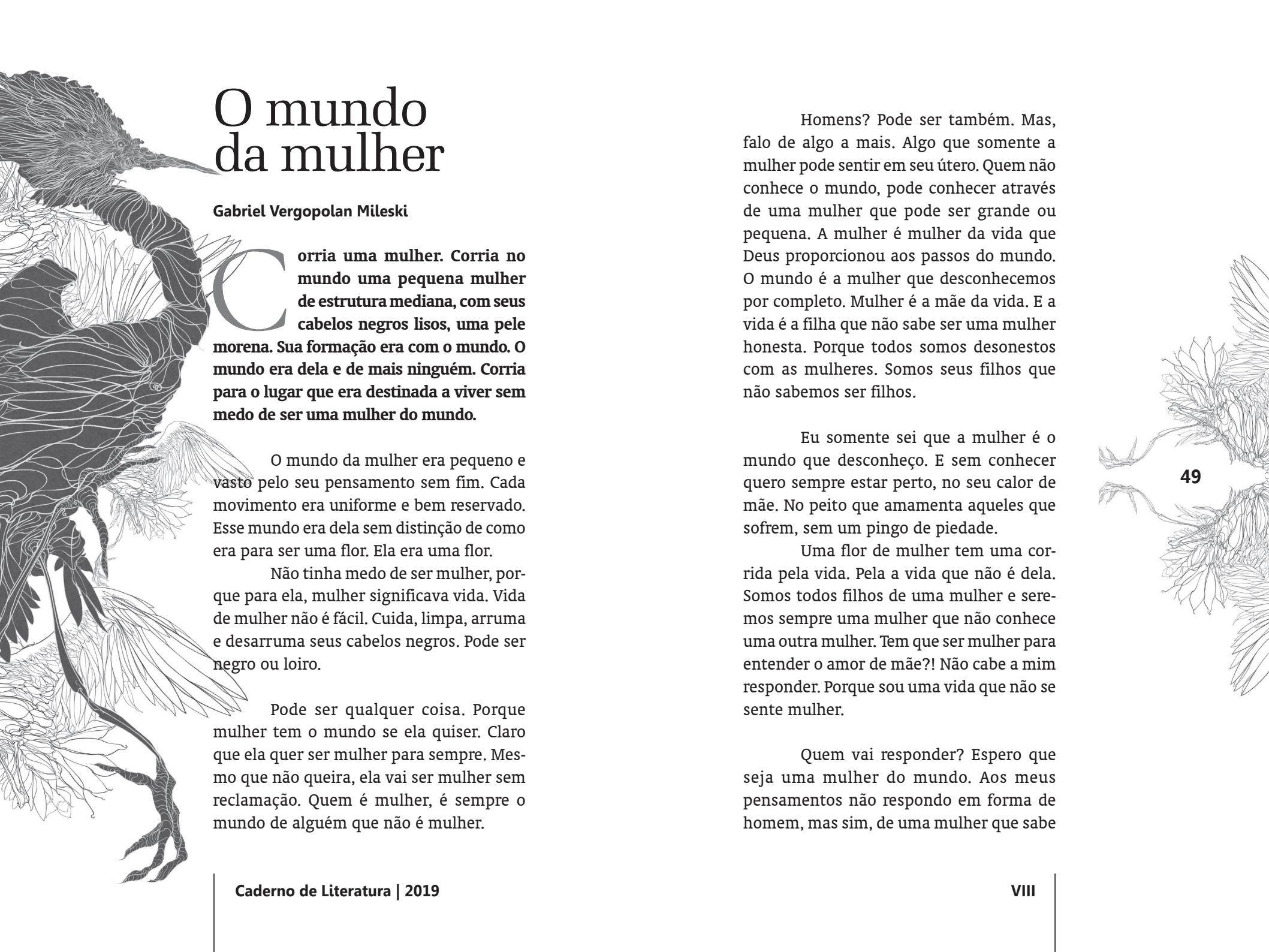
Me despedi, levantei da mesa, paguei minha conta e saí. Pensei que hoje no almoço, naquele restaurante, encontrei comigo mesma quando eu tinha 18 anos. E sabe, foi bom, acho que pude me dar uns bons conselhos!



VIII O MUNDO DA MULHER

Gabriel Vergopolan Mileski

Sou natural do Paraná, da cidade de Bituruna. Estudante de Letras/ Espanhol da Unespar- Campus União da Vitória. Escrevo textos de diversos gêneros. E é o primeiro ano que participo. Espero que agrade meu conto.



O mundo da mulher

Gabriel Vergopolan Mileski

Corria uma mulher. Corria no mundo uma pequena mulher de estrutura mediana, com seus cabelos negros lisos, uma pele morena. Sua formação era com o mundo. O mundo era dela e de mais ninguém. Corria para o lugar que era destinada a viver sem medo de ser uma mulher do mundo.

O mundo da mulher era pequeno e vasto pelo seu pensamento sem fim. Cada movimento era uniforme e bem reservado. Esse mundo era dela sem distinção de como era para ser uma flor. Ela era uma flor.

Não tinha medo de ser mulher, porque para ela, mulher significava vida. Vida de mulher não é fácil. Cuida, limpa, arruma e desarruma seus cabelos negros. Pode ser negro ou loiro.

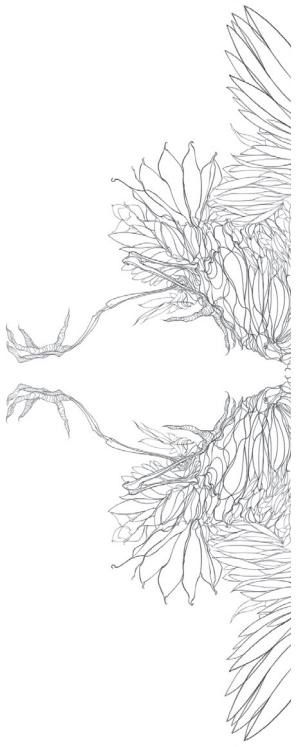
Pode ser qualquer coisa. Porque mulher tem o mundo se ela quiser. Claro que ela quer ser mulher para sempre. Mesmo que não queira, ela vai ser mulher sem reclamação. Quem é mulher, é sempre o mundo de alguém que não é mulher.

Homens? Pode ser também. Mas, falo de algo a mais. Algo que somente a mulher pode sentir em seu útero. Quem não conhece o mundo, pode conhecer através de uma mulher que pode ser grande ou pequena. A mulher é mulher da vida que Deus proporcionou aos passos do mundo. O mundo é a mulher que desconhecemos por completo. Mulher é a mãe da vida. E a vida é a filha que não sabe ser uma mulher honesta. Porque todos somos desonestos com as mulheres. Somos seus filhos que não sabemos ser filhos.

Eu somente sei que a mulher é o mundo que desconheço. E sem conhecer quero sempre estar perto, no seu calor de mãe. No peito que amamenta aqueles que sofrem, sem um pingo de piedade.

Uma flor de mulher tem uma corrida pela vida. Pela a vida que não é dela. Somos todos filhos de uma mulher e seremos sempre uma mulher que não conhece uma outra mulher. Tem que ser mulher para entender o amor de mãe?! Não cabe a mim responder. Porque sou uma vida que não se sente mulher.

Quem vai responder? Espero que seja uma mulher do mundo. Aos meus pensamentos não respondo em forma de homem, mas sim, de uma mulher que sabe



como falar. Sabe como falar com seu filho deprimido. Eu sou deprimido demais para me sentir uma mulher. Quero apenas ser um mundo habitado por uma mulher de puro sangue. Quero apenas correr para os braços de uma mulher. Uma doce mulher de raios de luzes verdadeiras. Ao sentido de meu pensamento sou grato por ser que eu sou. Porque sempre tenho uma mulher que me ajuda a me sentir vivo novamente.

Quero correr para o mundo sem ser mulher. Porque eu tenho mulheres em minha vida e preciso somente pensar como mulher. Quero correr para os braços de minha mãe quando ficar triste. Minha mãe mundo, mora longe. Mas em qualquer peito de mulher, me deito e adormeço com os pensamentos em minha mãe.



IX ESTAÇÃO

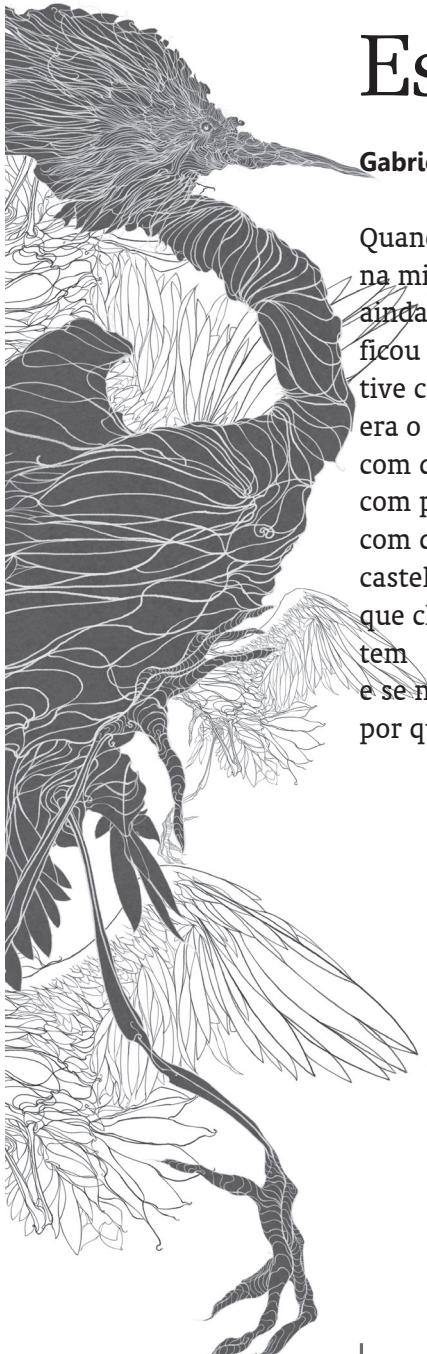
Gabriela Richinitti

Nasceu em 1993, em Lajeado (RS). Formada em Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), atualmente cursa o Doutorado em Letras – Escrita Criativa na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Estação

Gabriela Richinitti

Quando esfria eu penso
na minha manta vermelha
ainda estou longe de esquecer você
ficou com ela dormiu com ela mas eu não
tive coragem de pedir pois pedia
era o seu cheiro à noite o cheiro
com que você sonha e se sonha
com praias o cheiro do sal e se sonha
com quedas vertigens
castelos viagens e trilhos e o trem
que cheiro
tem
e se não costuma sonhar
por que não começa?



X

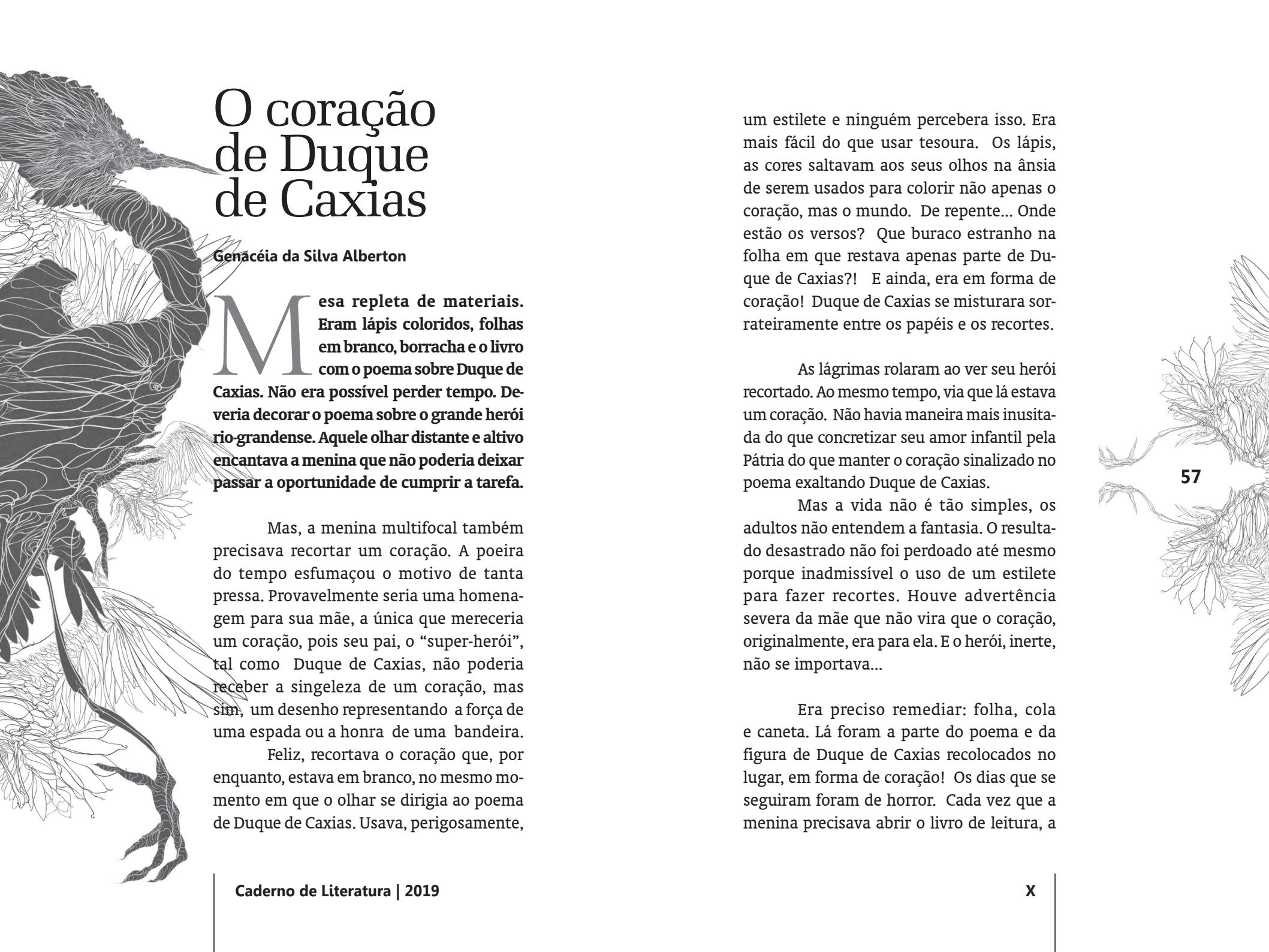
O CORAÇÃO DE DUQUE DE CAXIAS

Genacéia

da Silva Alberton

Desembargadora do Tribunal de
Justiça do Rio Grande do Sul (TJRS).
Mestre e Doutora em Direito, Mestre
em Linguística Aplicada, Teologia e
Mediação. Coordenadora do Núcleo de
Estudos de Mediação da Escola Superior
da Magistratura (AJURIS).

55



O coração de Duque de Caxias

Genacéia da Silva Alberton

Mesa repleta de materiais. Eram lápis coloridos, folhas em branco, borracha e o livro com o poema sobre Duque de Caxias. Não era possível perder tempo. Deveria decorar o poema sobre o grande herói rio-grandense. Aquele olhar distante e altivo encantava a menina que não poderia deixar passar a oportunidade de cumprir a tarefa.

Mas, a menina multifocal também precisava recortar um coração. A poeira do tempo esfumaçou o motivo de tanta pressa. Provavelmente seria uma homenagem para sua mãe, a única que mereceria um coração, pois seu pai, o “super-herói”, tal como Duque de Caxias, não poderia receber a singeleza de um coração, mas sim, um desenho representando a força de uma espada ou a honra de uma bandeira.

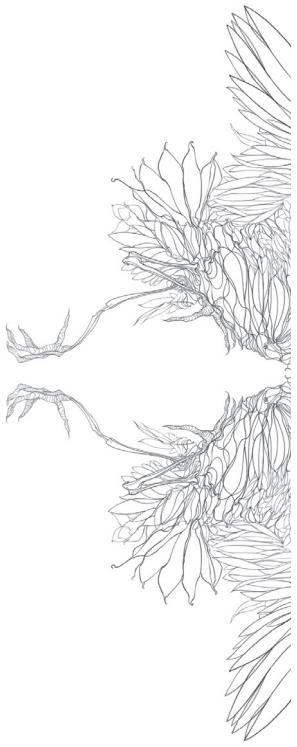
Feliz, recortava o coração que, por enquanto, estava em branco, no mesmo momento em que o olhar se dirigia ao poema de Duque de Caxias. Usava, perigosamente,

um estilete e ninguém percebera isso. Era mais fácil do que usar tesoura. Os lápis, as cores saltavam aos seus olhos na ânsia de serem usados para colorir não apenas o coração, mas o mundo. De repente... Onde estão os versos? Que buraco estranho na folha em que restava apenas parte de Duque de Caxias?! E ainda, era em forma de coração! Duque de Caxias se misturara sorteiramente entre os papéis e os recortes.

As lágrimas rolaram ao ver seu herói recortado. Ao mesmo tempo, via que lá estava um coração. Não havia maneira mais inusitada do que concretizar seu amor infantil pela Pátria do que manter o coração sinalizado no poema exaltando Duque de Caxias.

Mas a vida não é tão simples, os adultos não entendem a fantasia. O resultado desastrado não foi perdoado até mesmo porque inadmissível o uso de um estilete para fazer recortes. Houve advertência severa da mãe que não vira que o coração, originalmente, era para ela. E o herói, inerte, não se importava...

Era preciso remediar: folha, cola e caneta. Lá foram a parte do poema e da figura de Duque de Caxias recolocados no lugar, em forma de coração! Os dias que se seguiram foram de horror. Cada vez que a menina precisava abrir o livro de leitura, a



página acusadora de sua desatenção teimava em aparecer: o coração de Duque de Caxias.

Os heróis foram se esvanecendo ao passar dos anos, as verdades da história acinzentaram as fantasias, o amor pela Pátria se transformou num sentimento de corresponsabilidade. Os recortes em forma de coração não mais ocorreram. Mas continuaram os motivos para acreditar, sonhar e realizar. Os tropeços e os recortes não desejados talvez continuaram a acontecer, mas foram recebidos com mais leveza e desapareceram na poeira do próximo passo.

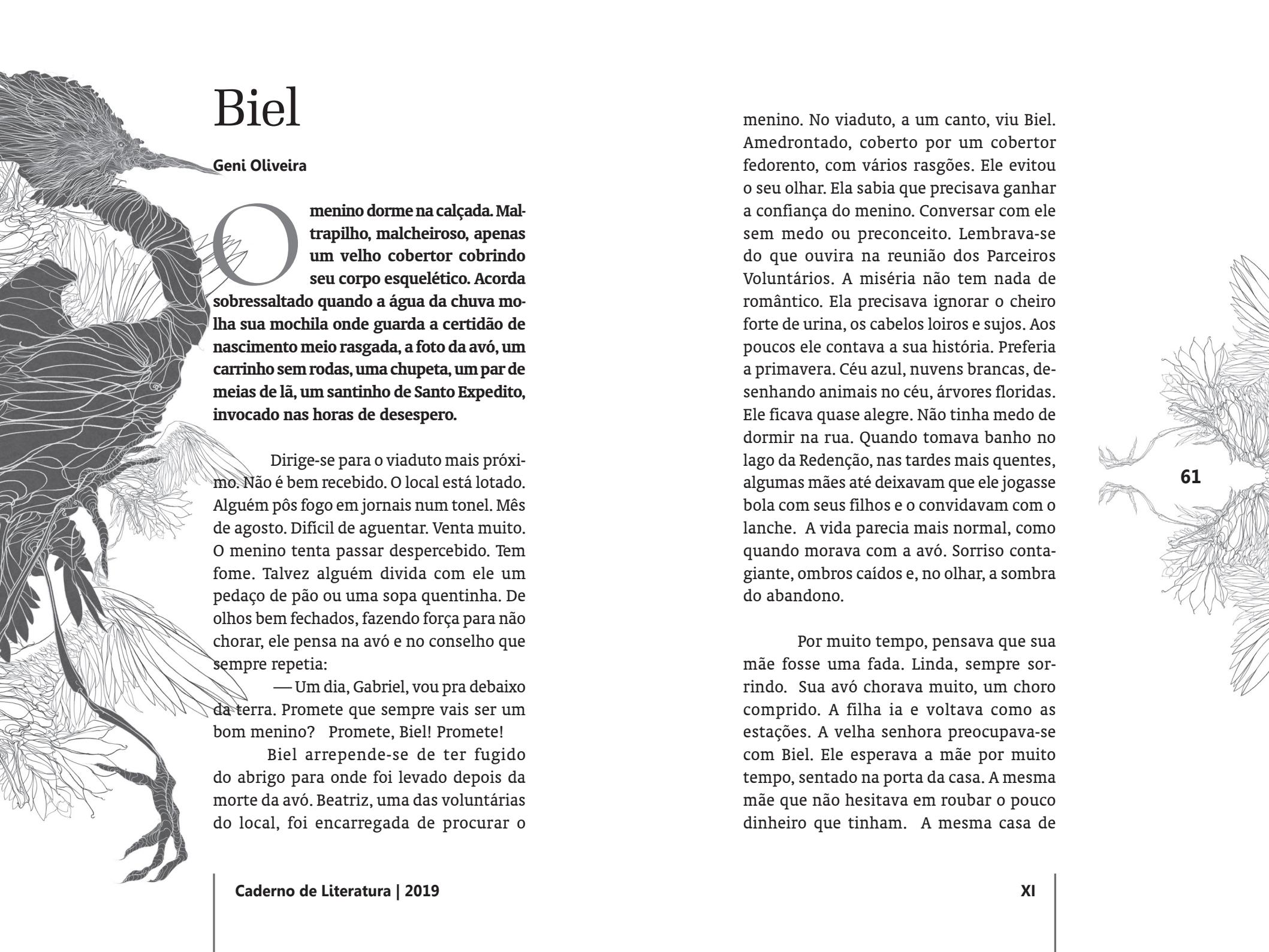


XI BIEL

Geni Oliveira

Professora aposentada graduada em História. Publicou em diversas antologias e foi aluna do Curso Livre de Formação de Escritores da Editora Metamorfose.

59



Biel

Geni Oliveira

O menino dorme na calçada. Maltrapilho, malcheiroso, apenas um velho cobertor cobrindo seu corpo esquelético. Acorda sobressaltado quando a água da chuva molha sua mochila onde guarda a certidão de nascimento meio rasgada, a foto da avó, um carrinho sem rodas, uma chupeta, um par de meias de lã, um santinho de Santo Expedito, invocado nas horas de desespero.

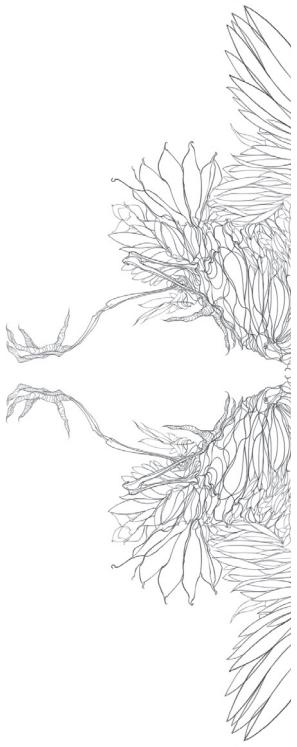
Dirige-se para o viaduto mais próximo. Não é bem recebido. O local está lotado. Alguém pôs fogo em jornais num tonel. Mês de agosto. Difícil de aguentar. Venta muito. O menino tenta passar despercebido. Tem fome. Talvez alguém divida com ele um pedaço de pão ou uma sopa quentinha. De olhos bem fechados, fazendo força para não chorar, ele pensa na avó e no conselho que sempre repetia:

— Um dia, Gabriel, vou pra debaixo da terra. Promete que sempre vais ser um bom menino? Promete, Biel! Promete!

Biel arrepende-se de ter fugido do abrigo para onde foi levado depois da morte da avó. Beatriz, uma das voluntárias do local, foi encarregada de procurar o

menino. No viaduto, a um canto, viu Biel. Amedrontado, coberto por um cobertor fedorento, com vários rasgões. Ele evitou o seu olhar. Ela sabia que precisava ganhar a confiança do menino. Conversar com ele sem medo ou preconceito. Lembrava-se do que ouvira na reunião dos Parceiros Voluntários. A miséria não tem nada de romântico. Ela precisava ignorar o cheiro forte de urina, os cabelos loiros e sujos. Aos poucos ele contava a sua história. Preferia a primavera. Céu azul, nuvens brancas, desenhando animais no céu, árvores floridas. Ele ficava quase alegre. Não tinha medo de dormir na rua. Quando tomava banho no lago da Redenção, nas tardes mais quentes, algumas mães até deixavam que ele jogasse bola com seus filhos e o convidavam com o lanche. A vida parecia mais normal, como quando morava com a avó. Sorriso contagioso, ombros caídos e, no olhar, a sombra do abandono.

Por muito tempo, pensava que sua mãe fosse uma fada. Linda, sempre sorrindo. Sua avó chorava muito, um choro comprido. A filha ia e voltava como as estações. A velha senhora preocupava-se com Biel. Ele esperava a mãe por muito tempo, sentado na porta da casa. A mesma mãe que não hesitava em roubar o pouco dinheiro que tinham. A mesma casa de



onde fora expulso após a morte da avó
numa tarde fria de maio.

Beatriz falou sobre a Escola Aberta
onde ele poderia ir quando quisesse. Teria
aulas, uma refeição quentinha. Talvez o
ajudasse a cumprir a promessa feita à avó.
Então, ele decidiu:

— Irei, dona Beatriz. Se eu não
aprender nada, pelo menos, a minha bar-
riga vai parar de doer. A fome dói muito.
Principalmente no inverno.

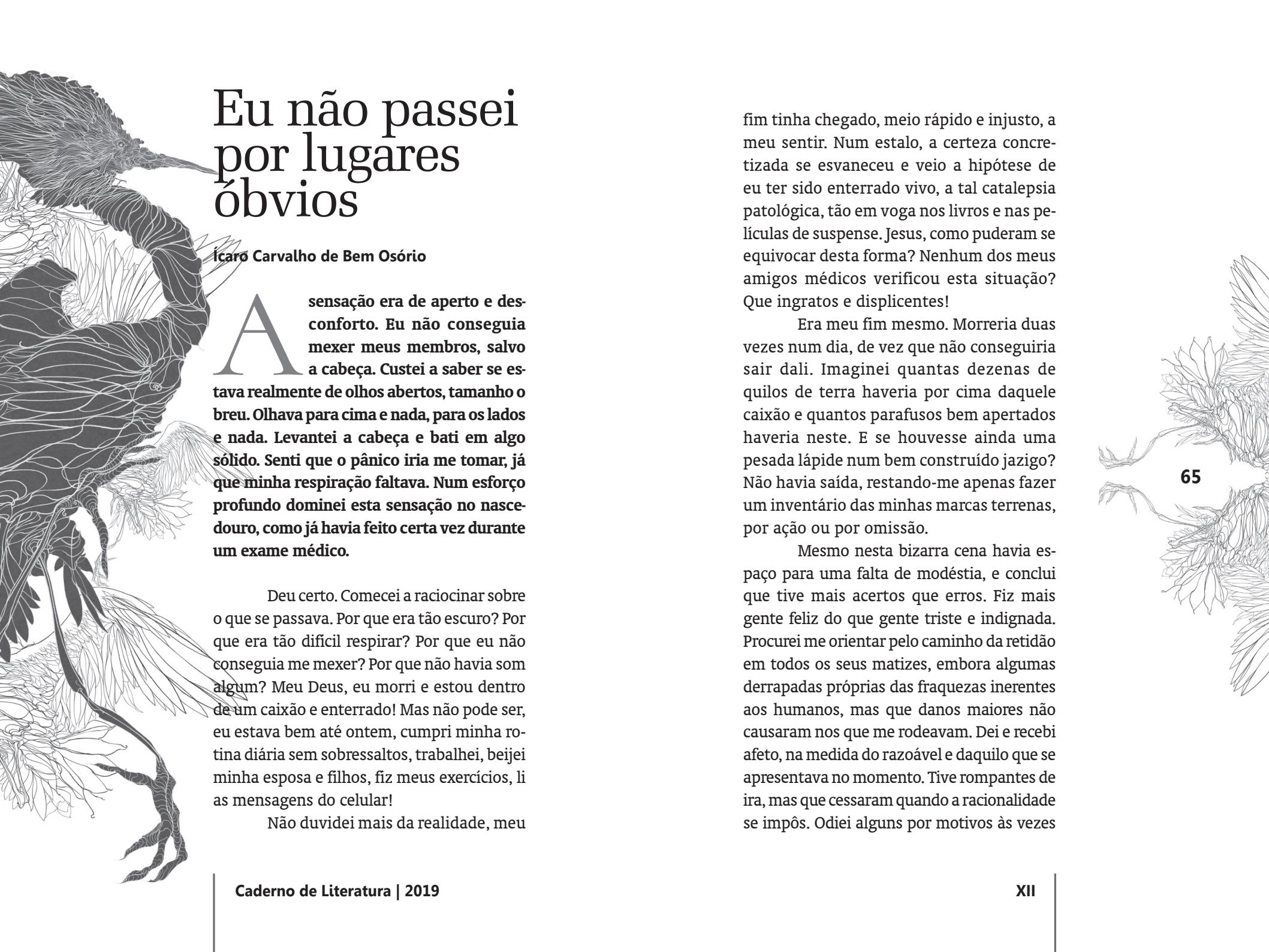
XII

EU NÃO PASSEI POR LUGARES ÓBVIOS

Ícaro Carvalho de Bem Osório

Desembargador do Tribunal de
Justiça do Estado do Rio Grande
do Sul (TJRS). Membro nato do
Conselho Deliberativo da AJURIS.

63



Eu não passei por lugares óbvios

Ícaro Carvalho de Bem Osório

Asensação era de aperto e desconforto. Eu não conseguia mexer meus membros, salvo a cabeça. Custei a saber se estava realmente de olhos abertos, tamanho o breu. Olhava para cima e nada, para os lados e nada. Levantei a cabeça e bati em algo sólido. Senti que o pânico iria me tomar, já que minha respiração faltava. Num esforço profundo dominei esta sensação no nascedouro, como já havia feito certa vez durante um exame médico.

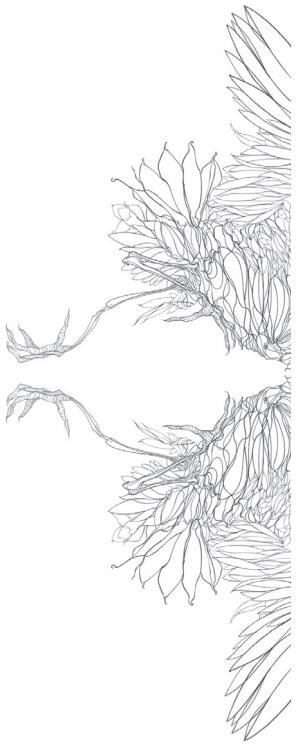
Deu certo. Comecei a raciocinar sobre o que se passava. Por que era tão escuro? Por que era tão difícil respirar? Por que eu não conseguia me mexer? Por que não havia som algum? Meu Deus, eu morri e estou dentro de um caixão e enterrado! Mas não pode ser, eu estava bem até ontem, cumprí minha rotina diária sem sobressaltos, trabalhei, beijei minha esposa e filhos, fiz meus exercícios, li as mensagens do celular!

Não duvidei mais da realidade, meu

fim tinha chegado, meio rápido e injusto, a meu sentir. Num estalo, a certeza concretizada se esvaneceu e veio a hipótese de eu ter sido enterrado vivo, a tal catalepsia patológica, tão em voga nos livros e nas películas de suspense. Jesus, como puderam se equivocar desta forma? Nenhum dos meus amigos médicos verificou esta situação? Que ingratos e displicentes!

Era meu fim mesmo. Morreria duas vezes num dia, de vez que não conseguia sair dali. Imaginei quantas dezenas de quilos de terra haveria por cima daquele caixão e quantos parafusos bem apertados haveria neste. E se houvesse ainda uma pesada lápide num bem construído jazigo? Não havia saída, restando-me apenas fazer um inventário das minhas marcas terrenas, por ação ou por omissão.

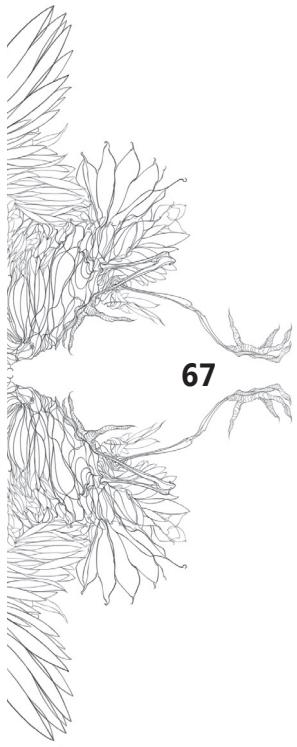
Mesmo nesta bizarra cena havia espaço para uma falta de modéstia, e conclui que tive mais acertos que erros. Fiz mais gente feliz do que gente triste e indignada. Procurei me orientar pelo caminho da retidão em todos os seus matizes, embora algumas derrapadas próprias das fraquezas inerentes aos humanos, mas que danos maiores não causaram nos que me rodeavam. Dei e recebi afeto, na medida do razoável e daquilo que se apresentava no momento. Tive rompantes de ira, mas que cessaram quando a racionalidade se impôs. Odiei alguns por motivos às vezes



torpe, mas não movi uma palha para transformar esse ódio em condutas negativas, ficando apenas no meu imaginário. Invejei alguns que tinham ou sabiam bem mais que eu, levando minha autoestima ao porão. Condoí-me ao ver o sofrimento alheio, em especial de crianças, embora não tenha feito muito para amenizá-lo. Fiquei arrasado ao me deparar com o sofrimento de um amigo. Bradei algumas vezes quando o ideal e sensato era me calar. Ri, e muito, de cenas compartilhadas com meus amigos e colegas. Viajei, muitos lugares eu conheci.

Enfim, neste turbilhão de ideias, panoramas e sentimentos, imaginei como tinha sido minha despedida e, principalmente, quem lá esteve. Será que realmente sentiram minha passagem, ou foi apenas uma presença protocolar? Concluí que não, já que granjeei mais simpatia que antipatia, agora já tentando justificar minha autopiedade e falta de modéstia. Cessei ali meu retrospecto de vida e passei a encarar minha realidade.

Iniciei um choro compulsivo e instintivamente pedi socorro, acho até que chamei pela minha mãe. Estranhei que iniciaram vozes que competiam com a minha, quebrando aquele silêncio literalmente sepulcral que havia até então. Ouvi nitidamente a frase: "mas o que é isso, cala a boca, quero dormir". E outra que dizia: "para com isso, ô meu, tá enchendo já".



Aquilo me deu uma outra espécie de pavor, já que estava em rota de colisão com tudo o que eu havia passado e pensado naqueles últimos minutos. Tudo era incompreensível. Como aquelas frases bobas poderiam estar inseridas naquele contexto sinistro?

Fiat lux, ou "faça-se a luz", foi o fato gerador para o fim daquele episódio surreal. O interruptor foi acionado por um dos tripulantes do barco de pesca em que eu estava. Dei-me conta, após uns instantes de prostração, de que estava deitado num apertadíssimo beliche numa parede, com outro leito bem acima de mim e com espaço só suficiente para se virar. O choque de realidade me fez ficar pasmo. Como eu consegui ser enganado assim tão facilmente pela minha mente? Como não lembrei de que, meus amigos e eu, alugamos um barco para uma pescaria e que o reduzido tamanho dele implicava num idêntico espaço para dormir?

Envergonhado, mas aliviado por estar ainda na condição de vivo, busquei refletir sobre o acontecido.

A obviedade de algumas circunstâncias da vida faz com que se perca a compreensão da finalidade da existência. Os lugares e cenários pelos quais eu havia passado, em especial este último, nada tinham de óbvios, eu é que não havia compreendido as suas mensagens.



XIII

FELICIDADE RASA

José Nedel

Formado em Letras Clássicas, Filosofia e Direito, Mestre e Doutor em Filosofia. Magistrado e Professor aposentado. Autor de quase duas dezenas de livros individuais, bem como de vários em coautoria. Seus livros puramente literárias são *A curvatura da razão: poemas; A vez do verso: sonetos; A vez do verso: quadras; Última floresta: sonetos; Quadras em metro: Vida breve: sonetos*. É membro da Academia Rio-grandense de Letras (ARL).



Felicidade rasa

José Nedel

Este mundo repleto está de extremos:
Tem ódio, amor, inveja e simpatia.
Importa, assim, que sempre procuremos
Vencer só na virtude – a régia via.

Com a verdade se não concilia
Dizer que a luta intensa, a já perdemos.
Se velas falham numa travessia,
Força nos resta para usar os remos.

Quem neste afã persiste, grite ou fale:
Vida melhora em nosso agreste Vale,
Sempre que todos cumprem seu papel.

Felicidade é aqui não mais que rasa,
Pois gráitis não há janta, almoço ou casa,
Nem mesmo terra farta em leite e mel.



XIV

UMA VISÃO DE FUTURÍSTICA

Professora de Língua Portuguesa e Literatura do Colégio Pedro II. Contista, publicada pelas revistas virtuais Gueto e Germina, bem como em antologias das editoras Lendari, Metanoia, Aliás (nesta, também a zine "*Formas quentes de beber*"), microcontos pela Venas abertas e um conto em alemão pela editora Hueber. Participa da FLUP (Festa Literária das Periferias), no Rio de Janeiro, pela qual foi selecionada para antologias em 2016, 2017 e 2019.

Participa da antologia Brasil 2029 – Contos góticos e pós-apocalípticos (Tribo da Ilha, no prelo).



Uma visão de futurística

Juliana Berlim

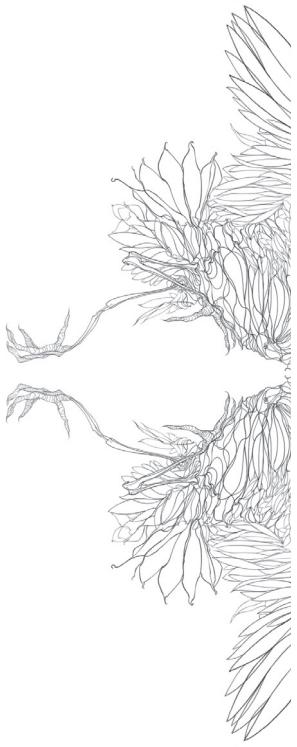
A admiração e o desejo acabaram e eles se separaram, a menina tinha um filho com este homem de quem se separou e não recebia pensão há um ano, aquele papo de ex que não paga nada pra criança depois que vai embora de casa.

Só que um dia chegou uma mulher muito bonita na casa da menina, bateu palmas e a moça colocou aquela madame pra dentro. Tomaram água e cafezinho, conversaram. A visita era nada mais nada menos que a mãe do bofe que saiu de casa, moradora de outro estado, que não sabia que o filho tinha se separado e não pagava pensão. Pra quê.

A mulher bonita saiu pela porta da rua de celular na mão e gritava pelo telefone que queria ver o filho ali na porta da ex em meia hora. Chegou um carro estalando de novo em vinte minutos e o José Francisco sai do carro bufando, jogando os braços para cima e gritando: “O que essa vagabunda te disse, mãe?” Só deu tempo de ver a bolsa voando, porque o José Francisco

não deu mais não. Era um tal de ele tentar se equilibrar nas pernas sem conseguir sair do chão, catando asfalto, no que de repente ele leva outra bordoada da mãe, uma bela paulada no peito, uma voadora de cedro, porque no que ele tentou se reerguer a mãe correu num segundo pra casa da ex-nora, pegou um tampo de gaveta pra dar um porrada no filho, que caiu de vez no chão sentado de bunda e chorava baixinho.

“Entra no carro”, disse a mãe. Ele deu a partida e saíram os dois juntos. Duas horas depois chegaram com o porta-malas cheio de bolsas, comida, fralda, presente pro filho, presente pra mãe do filho, que dizia não precisava, ao que a ex-sogra respondia com raiva: “Precisa sim, Mariane, as coisas são pro filho dele”, ao que ela voltava a cabeça pro seu bebezão grande, arranhado e muito puto: “É pra arregalar os dentes, José Francisco, é pra ficar sorrindo e satisfeito, é tudo pro teu filho e pra mãe do teu filho, fez filho vai assumir, não vai fazer que nem teu pai que te fez e saiu no mundo. Eu criei um homem, não criei um bosta”. No que ela se vira pra moça: “Eu vou te ligar toda a semana pra saber como que tão você e meu neto. Se ele não aparecer nem um dia, eu saio do Rio e venho aqui pessoalmente arrebentar a cara dele”. Nisso que terminou de transferir as



compras do carro pra casa, se despediu da Mariane e chamou um táxi pro aeroporto. Deixou o José Francisco resmungando sozinho na porta da casa da ex, que abria um sorriso de satisfação.

A vizinha do ex-casal passava por um problema semelhante com seu ex-companheiro. Gravou a briga dos vizinhos. Mandou o vídeo para a ex-sogra, não sem antes escrever: “Comigo é muito pior, ele ainda me difama para nossos amigos”. Ela sabia que, em menos de vinte e quatro horas, teria a visita de uma outra carioca, bela coincidência, ainda mais furiosa do que a que tinha aportado em sua vizinhança. Fazia consigo sua visão futurística do encontro.



XV

ALBERTO E CAROL: UM ROMANCE ALFABÉTICO

Juliana de Oliveira
Schaidhauer

Graduanda em Letras Inglês/
Português na Universidade
Federal do Rio Grande do Sul
(UFRGS), bolsista de Iniciação
Científica em Escrita Criativa e
revisora de textos freelancer.



Alberto e Carol: um romance alfabético

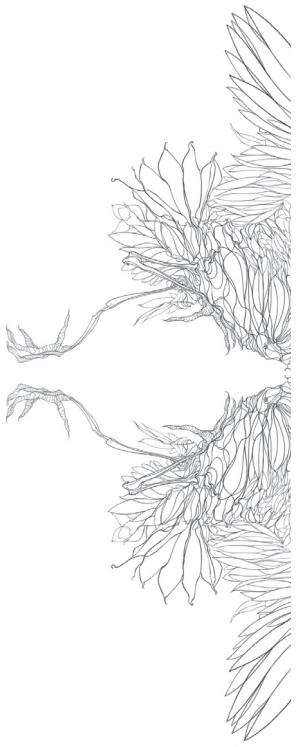
Juliana de Oliveira Schaidhauer

Alberto acordou atordoado após aquele atraso de alguns minutos. Banhou-se, botou sua blusa bege, as botas bacanas e a calça de brim, estava na beca, bonitão. Tudo combinava completamente, como convinha para conquistar o coração da colega Carol.

Decidiu degustar seus deliciosos damascos durante o deslocamento para não desperdiçar mais tempo desnecessariamente. Esticou o dedo e empurrou o botão; ele esperava pelo elevador enquanto concluía que estava esquecendo de algo. Francamente, falou furioso e voltou; fechou as frestas das janelas, reposicionou a foto da família, fiscalizou as bocas do fogão e conferiu tudo mais uma vez. Gastou grande parte do caminho pensando em galanteios gentis e graciosos para oferecer a sua garota. Não sabes a honra que é habitar o mesmo andar que tu, minha heroína. Que horror! Melhor ficar com o habitual hey, como vai hoje? Inspirou, indignado com sua própria inaptidão

romântica, e foi invadido por imagens de si mesmo infeliz e isolado.

Já chega, disse juntando suas esperanças e jurando que chamaria a jovem Carol para jantar num restaurante japonês. Lambeu os lábios, levantou e tentou localizar seu lindo alvo loiro. O músculo cardíaco de Alberto dava mais de mil murros por minuto em seu peito magro enquanto ele se movia em direção à mulher de mocassins marrons. Nada nunca conseguiria anular o nervosismo nocivo e a náusea que o dominavam naqueles momentos. E se ela dissesse não? E se já namorasse? O homem sentiu que todos o observavam com seus olhares opressores, olha lá o Alberto, obcecado, que otário. Pensou que seria prudente parar no pipi-room, pentear os parcos cabelos e passar um perfume antes de se aproximar de sua paixão. Porra! Quem ele estava querendo enganar? Em que mundo a Carol, cheia de qualidades e com quinze anos a menos, ia querer sair com um quarentão quebrado, quieto e de queixo quadrado que nem ele? Alberto resolveu retornar à sua mesa retangular; sentia-se ridículo. Se ao menos ele fosse rico, robusto ou renomado no seu ramo... mas não, na realidade, ele não passava de um romântico receoso. Senhor Alberto, anunciou o sistema sonoro subitamente, favor subir ao



sétimo andar, unidade número seis. Soltou um suspiro e logo sentiu que começava a suar. Tentou não transparecer o quanto tenso estava, mas a transpiração em sua testa e o tremor em todas as suas extremidades não contribuíam. Havia uma única mulher naquela unidade. Copo de uísque na mão, unhas longas e pernas unidas, uma sobre a outra. Tenho uma questão urgente para o senhor. O homem vacilou, pra variar, antes de pegar o envelope vermelho e, depois de muito tempo, sentiu-se vivo, vitorioso; enfim chegara a sua vez. Enquanto voltava à sua mesa, viu um vulto que se afastava com velocidade. Estava prestes a xingar aquele xereta que mexia em suas coisas quando viu um papelzinho embaixo de sua xícara xadrez. Deixando, então, de estar zangado e tornando-se zeloso, Alberto desdobrou o papelzinho e leu: 91827364, esse é meu Zap. Carol.



XVI OITENTA E OITO

Leila Torelly Fraga

Pretora aposentada, Psicóloga
e colaboradora do Caderno
de Literatura da AJURIS.



Oitenta e Oito

Leila Torelly Fraga

Era o número da casa dela
Iluminada em todas as estações
Repleta de sabores e aromas de especiarias
Quentinha e aconchegante no inverno
Tudo refletido na lenha incandescente
Salamandras dançantes, risonhas, ferozes,
transformadoras Sempre presentes

Casa inundada pelo verde
enferrujado do outono
Folhas sussurrando
Um cheiro de umidade no ar
Choro em gotas de orvalho
Muita água
Emoção fluindo

Casa arejada pelo vento quente de verão
Calor que antecede a tempestade
Luz abrasadora

Algazarra juvenil
Energia transbordante

Casa invadida pelo zunido
primaveril das abelhas
Joaninhas e borboletas pela sala
Girassóis e margaridas
de conversa com o arco-íris
Mel de flor de laranjeira
escorrendo pela alma

Universo duplicado
Paralelo
Oitenta e oito...

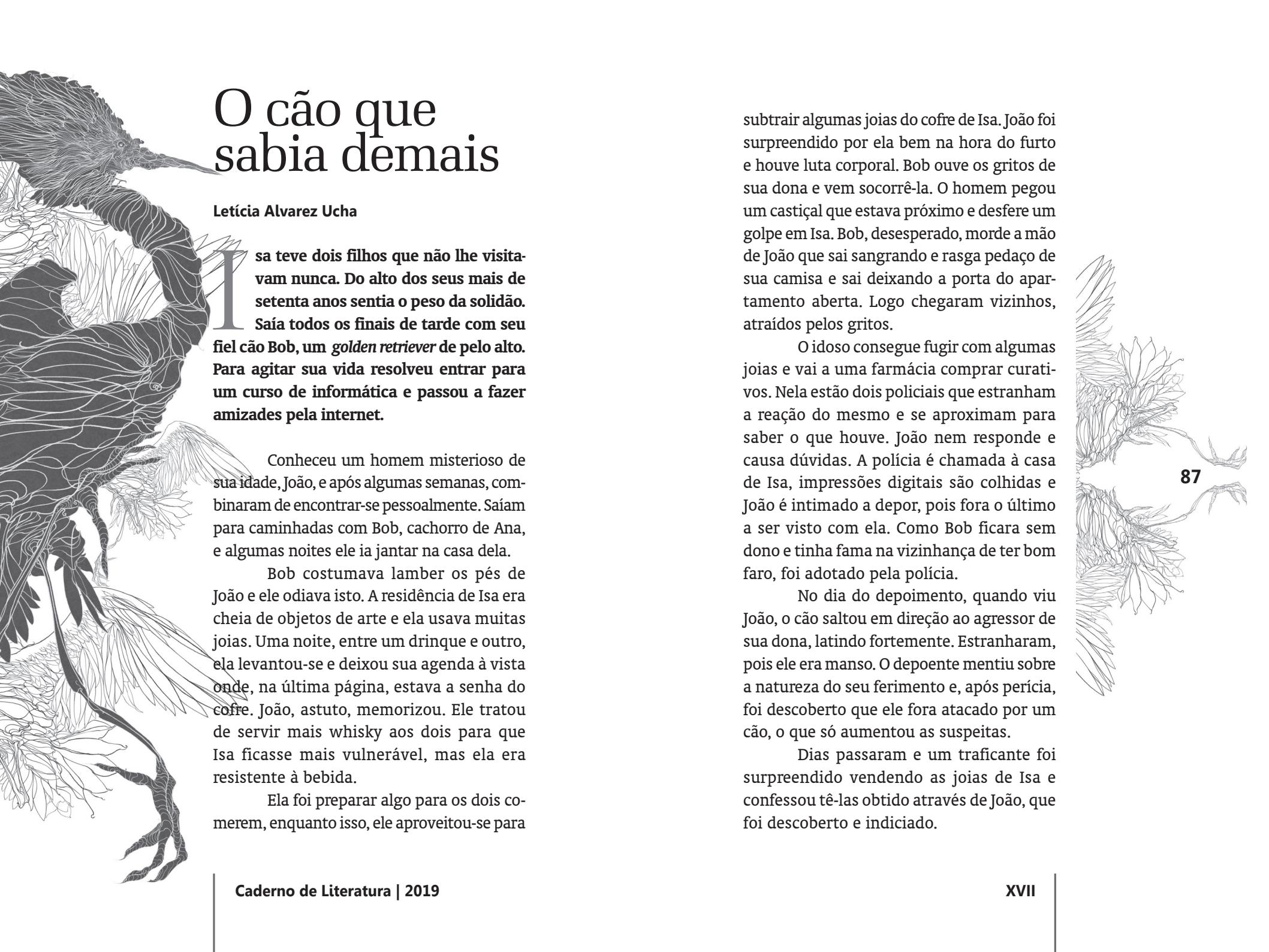
XVII

O CÃO QUE SABIA DEMAIS

Leticia Alvarez Ucha

Advogada. Participou de Antologias lançadas na Feira do Livro de Porto Alegre (2011, 2012, 2015 e 2017). Integrou *Panorama Literário Melhores Contos* (2012 a 2018), edição da Câmara Brasileira Jovens Escritores (CBJE).

85



O cão que sabia demais

Letícia Alvarez Ucha

Isa teve dois filhos que não lhe visitavam nunca. Do alto dos seus mais de setenta anos sentia o peso da solidão. Saía todos os finais de tarde com seu fiel cão Bob, um *golden retriever* de pelo alto. Para agitar sua vida resolveu entrar para um curso de informática e passou a fazer amizades pela internet.

Conheceu um homem misterioso de sua idade, João, e após algumas semanas, combinaram de encontrar-se pessoalmente. Saíram para caminhadas com Bob, cachorro de Ana, e algumas noites ele ia jantar na casa dela.

Bob costumava lamber os pés de João e ele odiava isto. A residência de Isa era cheia de objetos de arte e ela usava muitas joias. Uma noite, entre um drinque e outro, ela levantou-se e deixou sua agenda à vista onde, na última página, estava a senha do cofre. João, astuto, memorizou. Ele tratou de servir mais whisky aos dois para que Isa ficasse mais vulnerável, mas ela era resistente à bebida.

Ela foi preparar algo para os dois comerem, enquanto isso, ele aproveitou-se para

subtrair algumas joias do cofre de Isa. João foi surpreendido por ela bem na hora do furto e houve luta corporal. Bob ouve os gritos de sua dona e vem socorrê-la. O homem pegou um castiçal que estava próximo e desfere um golpe em Isa. Bob, desesperado, morde a mão de João que sai sangrando e rasga pedaço de sua camisa e sai deixando a porta do apartamento aberta. Logo chegaram vizinhos, atraídos pelos gritos.

O idoso consegue fugir com algumas joias e vai a uma farmácia comprar curativos. Nela estão dois policiais que estranham a reação do mesmo e se aproximam para saber o que houve. João nem responde e causa dúvidas. A polícia é chamada à casa de Isa, impressões digitais são colhidas e João é intimado a depor, pois fora o último a ser visto com ela. Como Bob ficara sem dono e tinha fama na vizinhança de ter bom faro, foi adotado pela polícia.

No dia do depoimento, quando viu João, o cão saltou em direção ao agressor de sua dona, latindo fortemente. Estranharam, pois ele era manso. O depoente mentiu sobre a natureza do seu ferimento e, após perícia, foi descoberto que ele fora atacado por um cão, o que só aumentou as suspeitas.

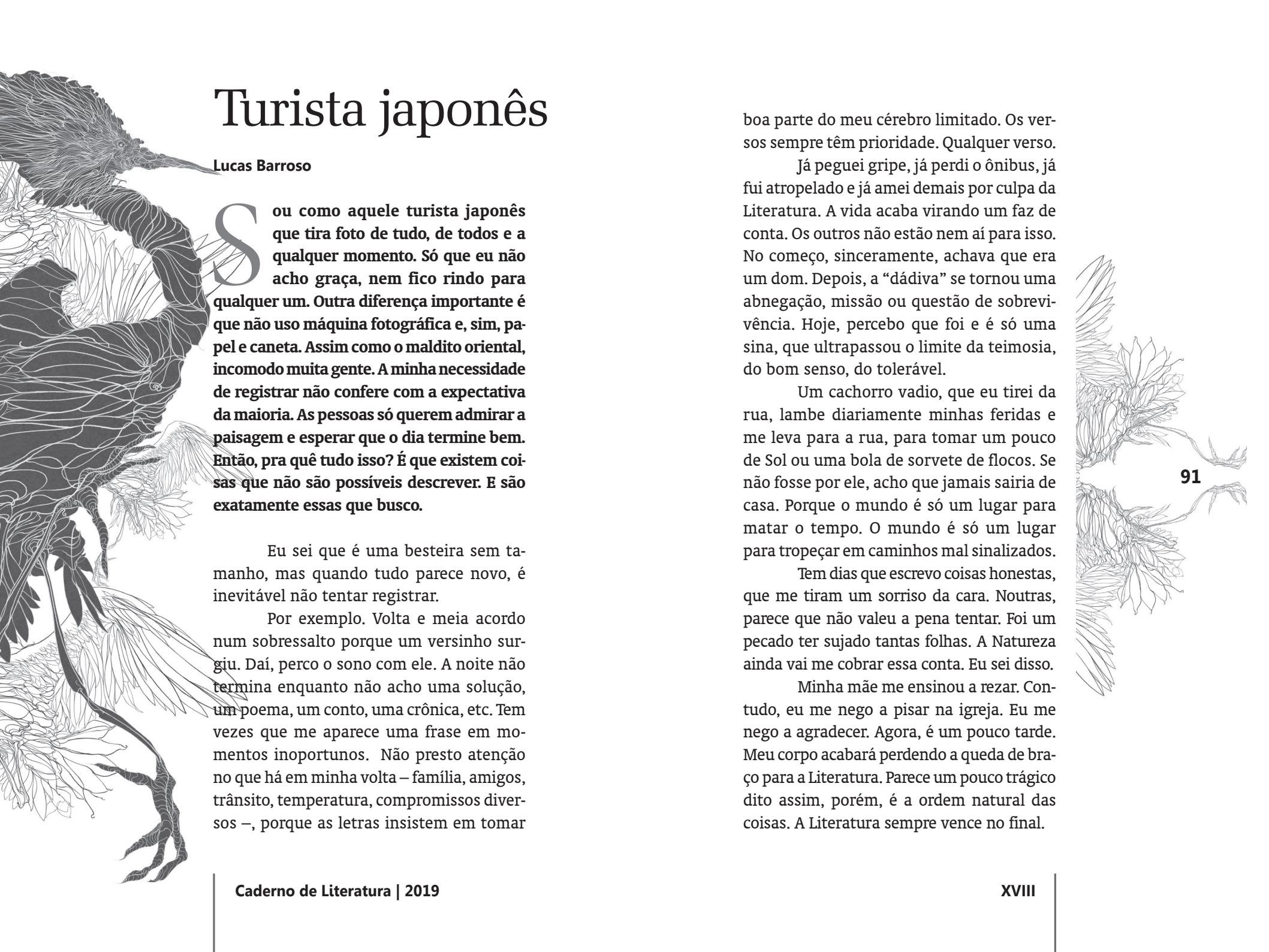
Dias passaram e um traficante foi surpreendido vendendo as joias de Isa e confessou tê-las obtido através de João, que foi descoberto e indiciado.

XVIII

TURISTA JAPONÉS

 89
Lucas Barroso

Jornalista e escritor. Três livros publicados: *Virose* (romance, editora Bartlebee, 2013), *Um Silêncio Avassalador* (contos, editora Moinhos, 2016) e *Um Gato Que Se Chamava Rex* (infantil, editora Moinhos, 2018). Mantém o site [Café Preto e Solidão](#)
<http://lsbarroso.blogspot.com>



Turista japonês

Lucas Barroso

Sou como aquele turista japonês que tira foto de tudo, de todos e a qualquer momento. Só que eu não acho graça, nem fico rindo para qualquer um. Outra diferença importante é que não uso máquina fotográfica e, sim, papel e caneta. Assim como o maldito oriental, incomodo muita gente. A minha necessidade de registrar não confere com a expectativa da maioria. As pessoas só querem admirar a paisagem e esperar que o dia termine bem. Então, pra quê tudo isso? É que existem coisas que não são possíveis descrever. E são exatamente essas que busco.

Eu sei que é uma besteira sem tamanho, mas quando tudo parece novo, é inevitável não tentar registrar.

Por exemplo. Volta e meia acordo num sobressalto porque um versinho surgiu. Daí, perco o sono com ele. A noite não termina enquanto não acho uma solução, um poema, um conto, uma crônica, etc. Tem vezes que me aparece uma frase em momentos inoportunos. Não presto atenção no que há em minha volta – família, amigos, trânsito, temperatura, compromissos diversos –, porque as letras insistem em tomar

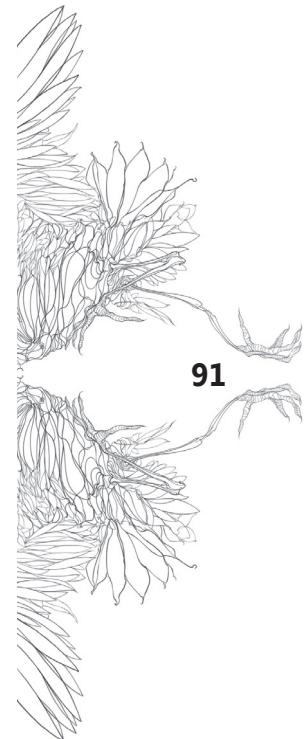
boa parte do meu cérebro limitado. Os versos sempre têm prioridade. Qualquer verso.

Já peguei gripe, já perdi o ônibus, já fui atropelado e já amei demais por culpa da Literatura. A vida acaba virando um faz de conta. Os outros não estão nem aí para isso. No começo, sinceramente, achava que era um dom. Depois, a “dádiva” se tornou uma abnegação, missão ou questão de sobrevivência. Hoje, percebo que foi e é só uma sina, que ultrapassou o limite da teimosia, do bom senso, do tolerável.

Um cachorro vadio, que eu tirei da rua, lambe diariamente minhas feridas e me leva para a rua, para tomar um pouco de Sol ou uma bola de sorvete de flocos. Se não fosse por ele, acho que jamais sairia de casa. Porque o mundo é só um lugar para matar o tempo. O mundo é só um lugar para tropeçar em caminhos mal sinalizados.

Tem dias que escrevo coisas honestas, que me tiram um sorriso da cara. Noutras, parece que não valeu a pena tentar. Foi um pecado ter sujado tantas folhas. A Natureza ainda vai me cobrar essa conta. Eu sei disso.

Minha mãe me ensinou a rezar. Contudo, eu me nego a pisar na igreja. Eu me nego a agradecer. Agora, é um pouco tarde. Meu corpo acabará perdendo a queda de braço para a Literatura. Parece um pouco trágico dito assim, porém, é a ordem natural das coisas. A Literatura sempre vence no final.



XIX DOIS MUNDOS

Mafalda dos Santos

Quatro livros publicados (poesia).
Há vários anos é colaboradora do
Caderno de Literatura da AJURIS e
integra a Associação de Jornalistas
e Escritoras do Brasil (AJEB).

93

Dois mundos

Mafalda dos Santos

Sinto-me em dois mundos
Adversos
Perversos, estranhos entre si
Sou resultado de duas fronteiras
Porteiras que se cruzaram
Entrelaçaram-se
E se amaram
Onde a lei era a chama
Que a todos inflama
Sem qualquer preocupação
E sou o resultado
Desta combustão desmedida
Ferida, amada
Reúno dois mundos
Na minha pele:
Um domina, chicoteia,
Discrimina, pisa,
Elimina!
O outro:
Se escraviza, se rebela
Apela por igualdade
Na minha pele trago dois mundos:
Escravidão e liberdade!





XX PAI DE OFÍCIO

Marcia Kern

Juíza de Direito, mestre
em literatura brasileira,
tendo apresentado dissertação
sobre Dom Casmurro e as
relações conjugais no final
do Século XIX.

97



Pai de Ofício

Marcia Kern

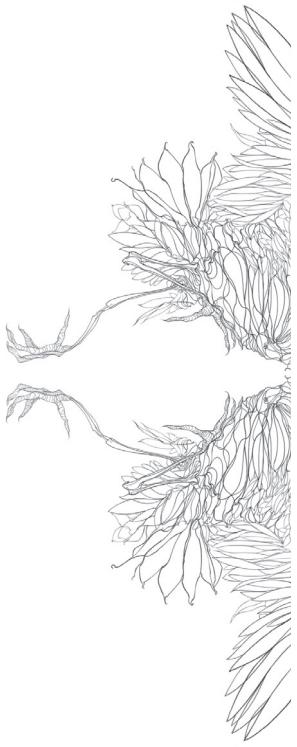
O utro dia, tarde de audiências, apresentou-se uma promotora substituta. Eram férias do titular. Trocamos umas poucas ideias e seguimos a tarde tranquilamente. Mas de repente, fui distraída por aquela sensação de quando a memória, a velha e boa memória, chama tudo em torno de si, numa baderna de abre e fecha arquivos feitos num fichário.

Década de noventa era eu aluna do pós-graduação, fazendo uma prova de Direito Constitucional, quando então se aproximou de mim o professor da disciplina e sem avisar, me convidou para ser sua assessora. Não sei como consegui terminar a prova, a mão tremia, numa mistura de emoção e medo. Mas, pelo visto, meu desempenho não impediu que tempos depois eu estivesse dividindo as tarefas de gabinete com outra ex-aluna. Laurita, era assim que ele a chamava e eu achava estranho aquele tanto de ironia e humor que estavam lá, sempre que os dois se encontravam. Nesse ambiente, onde o diálogo era o rei, eu recebi dele as primeiras orientações a respeito da minha rotina de trabalho. Foi ali que ele disse que eu deveria escrever cor-

tando, “trabalha o texto”, ele dizia. “Carrega consigo o Manual de redação da Folha de São Paulo. Aliás, o que tens lido?” Ele perguntou. “Garcia Marques”, respondi insegura. Um pouco indiferente à minha resposta, ele indagou por Machado. “Machado? Li no colégio.” “Machado é um clássico.” ele disse, “É para ler e reler como todos os clássicos. A gente é o que lê.” Enquanto os dias passavam eu me angustiava esculpindo o texto, o lápis formão, a borracha tesoura e Machado na cabeceira. Ainda assim, ele me veio com a notícia de que o concurso da magistratura estava ali, batendo à porta. “Estuda, guria, ser assessor não é coisa pra vida toda. Olha a Liliane, minha ex-secretária, se dedicou e faceira, já é promotora em Criciumal.”

Bingo! Caiu a ficha! Era ela, a promotora substituta ali no meu lado, vinte e cinco anos depois de ter sido exemplo pra mim. Quando enfim, ficamos sabemos que tínhamos, de alguma forma sido moldadas com o mesmo barro, foram vindo à tona as afinidades. Um jeito muito parecido de ser, encarar nossos ofícios, ver a vida com empatia, e o gosto pela literatura.

Passei a pensar nisso de um jeito que não cansa, mania de quem vê as coisas poeticamente, mirando a metáfora. Tudo, busca incessante de inventar sentido à vida. Passei a pensar nesse homem, que cruzou meu caminho como alguém que põe a mão



na massa e molda, faz reparos, põe pra caminhar. Passei a pensar nele como um pai. Pai de ofício, com muitas filhas, muitos filhos, gente que ele escolheu, gente que o escolheu.

Agora, organizado o jogo da memória e quase montado o quebra-cabeças do que se tem na vida, lembro desse universo de aprendizes, velhos e novos juízes, e especialmente de uma juíza, recém-empossada. Não nos conhecíamos, mas ele falava muito nela, falava de um jeito muito carinhoso, dizia que era miudinha, braba e inteligente como só. Pois em tempos sem internet, foi a ele, à experiência dele que ela recorreu. Ouvi que conversaram pelo telefone e, assim que encerrou a ligação, ele mandou que eu fizesse uma pesquisa detida, enviasse o material por malote, e ligasse para ela avisando sobre o resultado daquilo que eu tinha encontrado. Corri, vantei, estudei, separei todo o material e o melhor, liguei e pela primeira vez, falei com a Dra. Vera. Estica-se a linha do tempo e agora, a Desembargadora Vera De Boni, dias depois de comemorarmos os noventa anos do Des. Nelson Oscar de Souza, me intimou tecer sobre essa que era para ser só uma confissão que lhe fiz ao pé do ouvido, num momento de emoção.



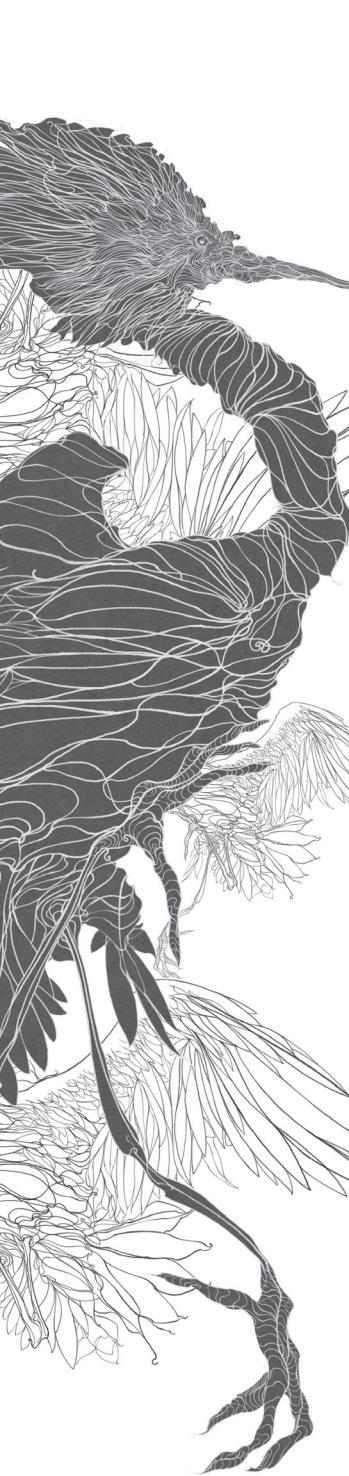
XXI

A ENGENHEIRA CONVICTA

Marta Leiria

Procuradora de justiça aposentada e cronista. Publicou diversos artigos em Zero Hora. Integra coletâneas de crônicas. Em 2019, concluiu o Curso Livre de Formação de Escritores, dirigido por Marcelo Spalding, em Porto Alegre (RS). Mais informações em www.martaleiria.com.br.

101



A engenheira convicta

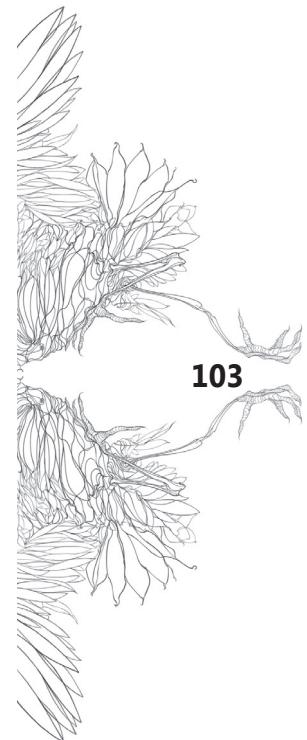
Marta Leiria

Glória, moça recém-formada em Engenharia Civil, era louca por números, planejamentos, exatidões em geral. Zombava de poetas, ufólogos, crentes. Nem a religião da família a fisgara. Ainda pequena, enquanto todos iam à missa aos domingos, Glorinha dava sucessivas desculpas para ficar em casa: um tema difícil e inadável, dores insuportáveis de barriga ou de cabeça, os últimos capítulos do romance de cabeceira do qual não poderia, de jeito nenhum, se desgrudar.

A voz que ouvira já tarde da noite era familiar e dizia Glória, Glória, Glória, num sussurro que mais parecia uma reza, vinda de longe. Sonho estranho. Virou para o outro lado na cama. Como o chamado continuasse, Glória resolveu, a contragosto, se levantar. A voz vinha da praça em frente à casa. Sobre o balanço, vislumbrou uma menina vestida para festa, com duas tranças loiras que brilhavam sob a luz do luar. Nos lábios, um sorriso alegre. Glória não teve coragem de se aproximar,

parecia-se demais com Rita, a prima que morrera tragicamente em um acidente de carro no dia em que as duas comemoravam a Primeira Comunhão. Embalava-se com um livro sobre o colo. Glória correu de volta ao seu quarto. Resolveu recorrer a uma daquelas pílulas mágicas, úteis para conciliar o sono em longas noites tentando resolver, sem sucesso, cálculos difíceis. Triplicou a dose.

O sol já ia alto quando Glória acordou, ainda sentindo nos músculos o torpor provocado pelo sonífero. Ao pegar o chambre, sobre a escrivaninha, em meio a projetos, cálculos e réguas, deparou-se, para seu espanto, com uma Bíblia. Aterrorizada, e já antevedendo o pior, abriu-a na página que continha uma linda dedicatória com sua caprichada letra de criança para a amada prima Rita, presente enterrado com ela naquela trágica, longínqua e inesquecível data que tanto planejara, em vão, esquecer.



XXII

MEMÓRIAS DE UM DIA ESQUECIDO

Matheus de Lima Borges

Tem 18 anos, acadêmico do curso de licenciatura em Letras pela Universidade de Caxias do Sul (UCS) e bolsista de Iniciação à Docência do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) pela mesma universidade.

105



Memórias de um dia esquecido

Matheus de Lima Borges

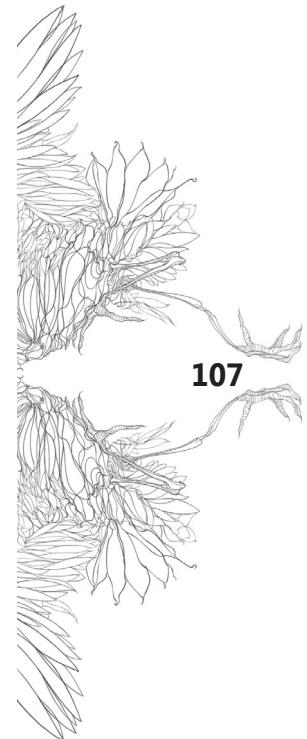
Pareceu-me nestes dias, não há muito tempo atrás, um local que não reconheci, mas que por alguma razão me causou uma certa estranheza. Acomodei por ali perto, em um banco próximo de uma árvore. Um grande gramado com um campo de futebol, um pequeno lago à minha direita e a rua principal mais a frente. Que era um local muito agradável, isso é fato. Deveria ter eu uns 18 para 19 anos na época (ou 9 para 10? Agora não me recordo). Enfim, que seja.

Prosseguindo meu relato, com minha mochila perto de mim, abri uma pequena barra de chocolate que havia comprado uma meia hora antes, tomei de um livro qualquer esquecido dentro dela na tentativa de me colocar a ler. Porém o dito local, ainda me causava um certo grau de estranheza, porém não de incômodo. Como escreveu o genial Cervantes: “nem mesmo que o próprio Aristóteles voltasse com o único intuito de resolver tal caso, ele não teria êxito”.

Levanto-me, ando um pouco pelas proximidades, o dia estava muito agradável, quase não havia pessoas por ali e, torno a repetir, deveras era um lugar agradável. De repente deparo-me com a tão almejada resposta. Um minuto que se configurou em um intervalo de tempo de 8 anos. Uma nostalgia com a dimensão do próprio Golias se coloca entre mim e o tempo, como quem está a postos para combater quem a ela se opuser.

Finalmente me recordei do lugar: tratava-se do local onde meu Pai levava eu meus irmãos, para passarmos horas da tarde gastando nossas infindas energias quando crianças. Tudo ainda permanecia ali, imutavelmente igual: a quadra, o campo, as mesmas árvores, o mesmo banco, os aparelhos de ginástica, o quadro com as instruções para antes dos exercícios.

Mas o tempo passou como que na mesma velocidade com que as nuvens de fumaça recém saídas de chaminés se misturam com o céu. Seria mentira se falasse que “parece que foi ontem”. Não o foi, muitos “pequenos intervalos de tempo” ocorreram até minha idade atual. Sendo o novamente o lugar, retorno ao meu posto inicial, tomei de meu livro e mochila, jogo fora o chocolate (pobre coitado, estava sendo trucidado por formigas) e ligo para meu Pai, propondo dar-lhe um abraço assim que eu chegassem em casa.



XXIII CERTIDÃO

Maurício da Rosa Ávila
Juiz de Direito.

109



Certidão

Maurício da Rosa Ávila

Certifico que, revendo os autos, perdi-me.
Afixei na contracapa meu desgosto
E atualizei a guia da ineficiência.

Dei andamento no sistema
A alguma saudade antiga
Que, de ordem, se agita dentro da alma.

Não encontrei, como requerido,
O protocolo daquele anseio
Que me aguardava em casa, depois do expediente.

Desentranhei a esperança da fl. 05,
Intimei a parte para fazer a retirada,
E realizar a juntada no juízo competente.

Certifico, ainda, que,
buscando em meu cartório,
Não pude localizar a alegria,
Por entre os cansaços da incompreensão.

Consulto o juízo, como proceder ao balcão,
Com os clamores do povo
Que não cabem em minha mão.

Aguardando indicação de como proceder,
Ante a larga sede de vida,
E a implacável escassez de tempo.

Consulto Vossa Excelência,
E submeto à superior orientação
Angústias que não me cabem
Num servidor coração.

XXIV

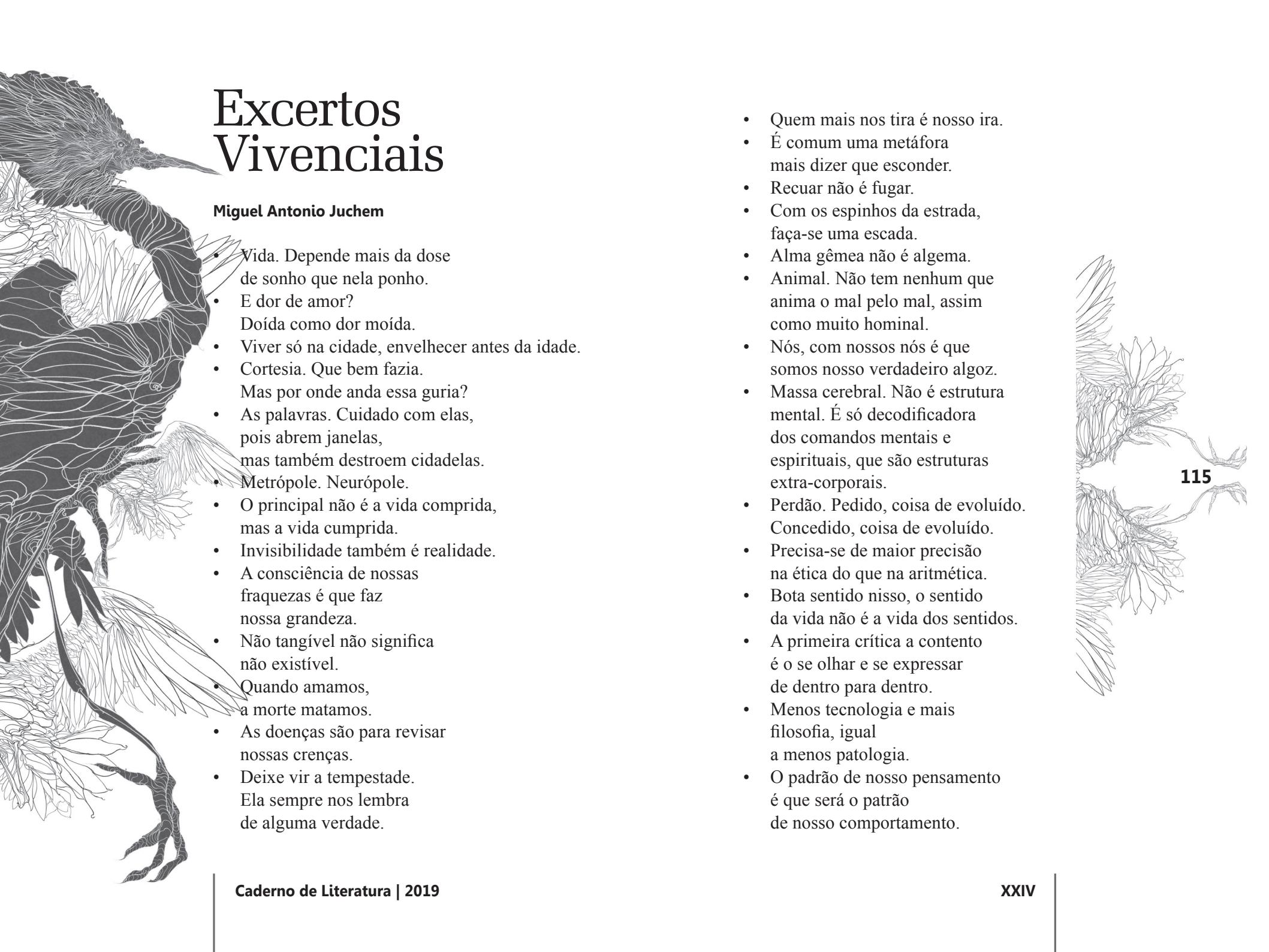
EXCERTOS

VIVENCIAS

Miguel Antonio Juchem

Magistrado aposentado,
Psicoterapeuta Reencarnacionista
e Advogado.

113



Excertos Vivenciais

Miguel Antonio Juchem

- Vida. Depende mais da dose de sonho que nela ponho.
- E dor de amor?
Doída como dor moída.
- Viver só na cidade, envelhecer antes da idade.
- Cortesia. Que bem fazia.
Mas por onde anda essa guria?
- As palavras. Cuidado com elas,
pois abrem janelas,
mas também destroem cidadelas.
- Metrópole. Neurópole.
- O principal não é a vida comprida,
mas a vida cumprida.
- Invisibilidade também é realidade.
- A consciência de nossas
fraquezas é que faz
nossa grandeza.
- Não tangível não significa
não existível.
- Quando amamos,
a morte matamos.
- As doenças são para revisar
nossas crenças.
- Deixe vir a tempestade.
Ela sempre nos lembra
de alguma verdade.

- Quem mais nos tira é nosso ira.
- É comum uma metáfora
mais dizer que esconder.
- Recuar não é fugar.
- Com os espinhos da estrada,
faça-se uma escada.
- Alma gêmea não é algema.
- Animal. Não tem nenhum que
anima o mal pelo mal, assim
como muito hominal.
- Nós, com nossos nós é que
somos nosso verdadeiro algoz.
- Massa cerebral. Não é estrutura
mental. É só decodificadora
dos comandos mentais e
espirituais, que são estruturas
extra-corporais.
- Perdão. Pedido, coisa de evoluído.
Concedido, coisa de evoluído.
- Precisa-se de maior precisão
na ética do que na aritmética.
- Bota sentido nisso, o sentido
da vida não é a vida dos sentidos.
- A primeira crítica a contento
é o se olhar e se expressar
de dentro para dentro.
- Menos tecnologia e mais
filosofia, igual
a menos patologia.
- O padrão de nosso pensamento
é que será o patrão
de nosso comportamento.

XXV

VIDA MAR

Mônica Becker Dahlem

Publicitária e jornalista.
Ganhadora do prêmio pelo
Instituto Estadual do Livro
com a novela Bárbara. Ainda
tenho publicado o livro *Frida*
com apoio da Supra Alimentos
e contribuí com o capítulo
intitulado *Mãos Gaúchas no*
livro Empreendedores de
Sucesso Sebrae. Casada,
mãe de duas filhas, mora na
Zona Sul de Porto Alegre.



117



Vida Mar

Mônica Becker Dahlem

E nesse Mar Vida.
Tantas marolas que permitem, enquanto
se flutua, olhar o céu e sentir o respirar
feito de águas que lambem as costas e
permitem os cabelos flutuar.

Tantas ondas bravas que na
garganta nos impõe o sal e nas
dores nos fazem ver o céu antes
de quase se afogar.

Que mais és tu vida do que esse mar, ora
tranqüilo, ora revolto que, caprichoso,
exige respeito para poder respeitar?

Que mais és tu vida do que esse
oceano de barcos que em ti
navegam e descansam?

Do que histórias ceifadas e vividas,
do que mergulhos de olhos fechados
ou abertos, do que sol refletido e de
pingos de chuva que parecem perfurar?

E quem há de, na sua louca e
ensandecida vivência,
não te amar?

Mar.
Vida Mar.

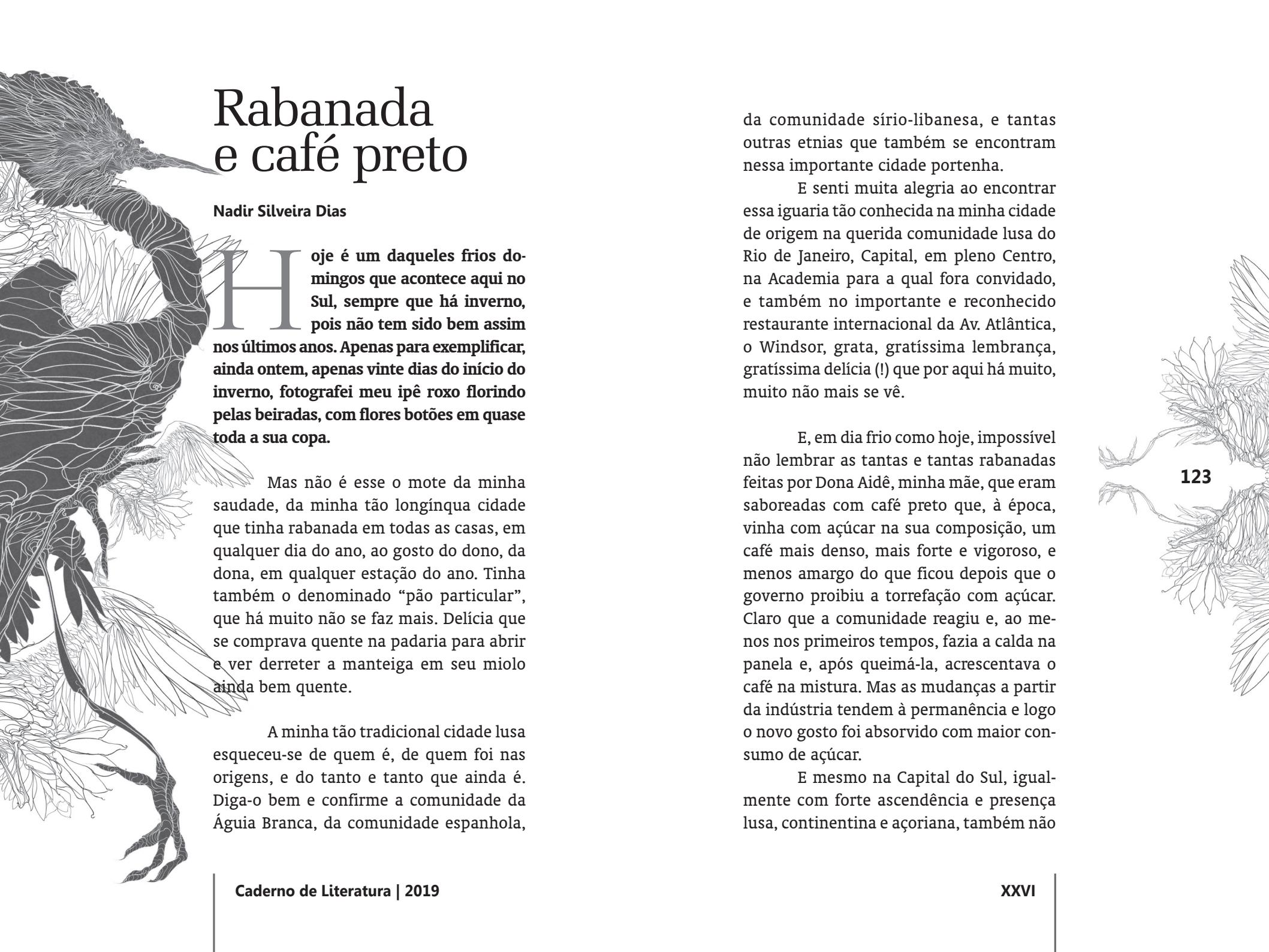
XXVI

RABANADA E CAFÉ PRETO

Nadir Silveira Dias

Poeta, Pensador, Escritor,
Servidor da Justiça e Assessor
Jubilado de Desembargador do
Tribunal de Justiça do Estado do
Rio Grande do Sul (TJRS)
- 4^a Câmara Cível.

121



Rabanada e café preto

Nadir Silveira Dias

Hoje é um daqueles frios domingos que acontece aqui no Sul, sempre que há inverno, pois não tem sido bem assim nos últimos anos. Apenas para exemplificar, ainda ontem, apenas vinte dias do início do inverno, fotografei meu ipê roxo florido pelas beiradas, com flores botões em quase toda a sua copa.

Mas não é esse o mote da minha saudade, da minha tão longínqua cidade que tinha rabanada em todas as casas, em qualquer dia do ano, ao gosto do dono, da dona, em qualquer estação do ano. Tinha também o denominado “pão particular”, que há muito não se faz mais. Delícia que se comprava quente na padaria para abrir e ver derreter a manteiga em seu miolo ainda bem quente.

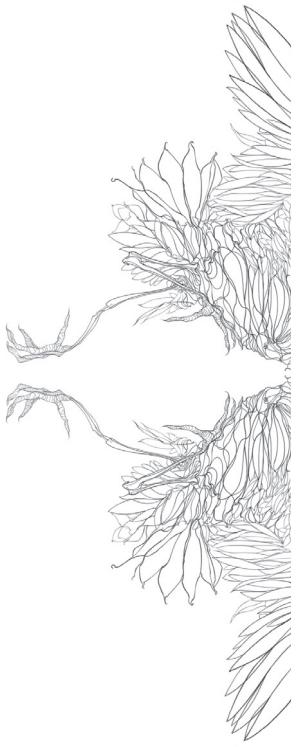
A minha tão tradicional cidade lusa esqueceu-se de quem é, de quem foi nas origens, e do tanto e tanto que ainda é. Diga-o bem e confirme a comunidade da Águia Branca, da comunidade espanhola,

da comunidade sírio-libanesa, e tantas outras etnias que também se encontram nessa importante cidade portenha.

E senti muita alegria ao encontrar essa iguaria tão conhecida na minha cidade de origem na querida comunidade lusa do Rio de Janeiro, Capital, em pleno Centro, na Academia para a qual fora convidado, e também no importante e reconhecido restaurante internacional da Av. Atlântica, o Windsor, grata, gratíssima lembrança, gratíssima delícia (!) que por aqui há muito, muito não mais sevê.

E, em dia frio como hoje, impossível não lembrar as tantas e tantas rabanadas feitas por Dona Aidê, minha mãe, que eram saboreadas com café preto que, à época, vinha com açúcar na sua composição, um café mais denso, mais forte e vigoroso, e menos amargo do que ficou depois que o governo proibiu a torrefação com açúcar. Claro que a comunidade reagiu e, ao menos nos primeiros tempos, fazia a calda na panela e, após queimá-la, acrescentava o café na mistura. Mas as mudanças a partir da indústria tendem à permanência e logo o novo gosto foi absorvido com maior consumo de açúcar.

E mesmo na Capital do Sul, igualmente com forte ascendência e presença lusa, continentina e açoriana, também não



se encontra mais quem faça rabanada ou restaurante, ou confeitoria que a sirva. São como as minhas alocuções, meras e saudosas lembranças!

Há quem queira, há quem goste e ainda há quem as possa comer com a alegria e o mesmo gosto da infância e da adolescência!

Devo voltar em breve ao Rio de Janeiro para participar do lançamento da Antologia Brasil Portugal do recentemente criado Núcleo de Literatura e Artes Plásticas da Casa das Beiras - RJ, convite dos amigos Antônio de Oliveira Pereira e Mara Joaquim, e, claro, saborear umas deliciosas rabanadas com café preto!



XXVII

A LUZ DO ENTARDECER

Nei Pires Mitidiero

Magistrado estadual
aposentado, autor dos livros
*Comentários ao Código de
Trânsito Brasileiro* (2a. Edição,
Forense, 2005) e *Crimes
de Trânsito e de Circulação
Extratrânsito* (Saraiva, 2014).

125



A Luz do Entardecer

Nei Pires Mitidiero

Ao entardecer, lá no andar de cima, acendia-se a luz clara do quarto de Aldinha. O velho casarão branco de madeira dos Orvalla assombrava o lugar.

Aquilo acontecia desde o enterro da menina no cemitério da família, ali mesmo, a um canto da herdade. Lá nos fundos, corria plácido o arroio Birigui. O mesmo que a levava, certo dia, para o *Outro Mundo*. Deve ser um problema com os fios – disse Olívio à Zelinda quando, apavorados, pela primeira viam a luz do entardecer.

Não eram os fios. Não era nada. Pelo menos nada *Deste Mundo*. Era *D'Outro*. Disso, com o passar do tempo, os caseiros não mais duvidavam.

Aquela luz misteriosa assustava. Dava medo só em pensar que alguém ligava a luz do quarto. Que andava por lá. E andava. Os bonecos e as bonecas de pano e porcelana de Aldinha nunca estavam no mesmo lugar. O lençol da cama, sempre amassado. E os passos surdos...

que se ouviam na casa, às vezes fugidias corridinhas! Só não era coisa de gente viva! Era *assombração*.

E não falhava nunca. À tardinha, sentados à frente da casa deles, sorvendo o amargo, eles já sabiam que a luz branca ia aparecer. Até evitavam olhar pra janela do quarto.

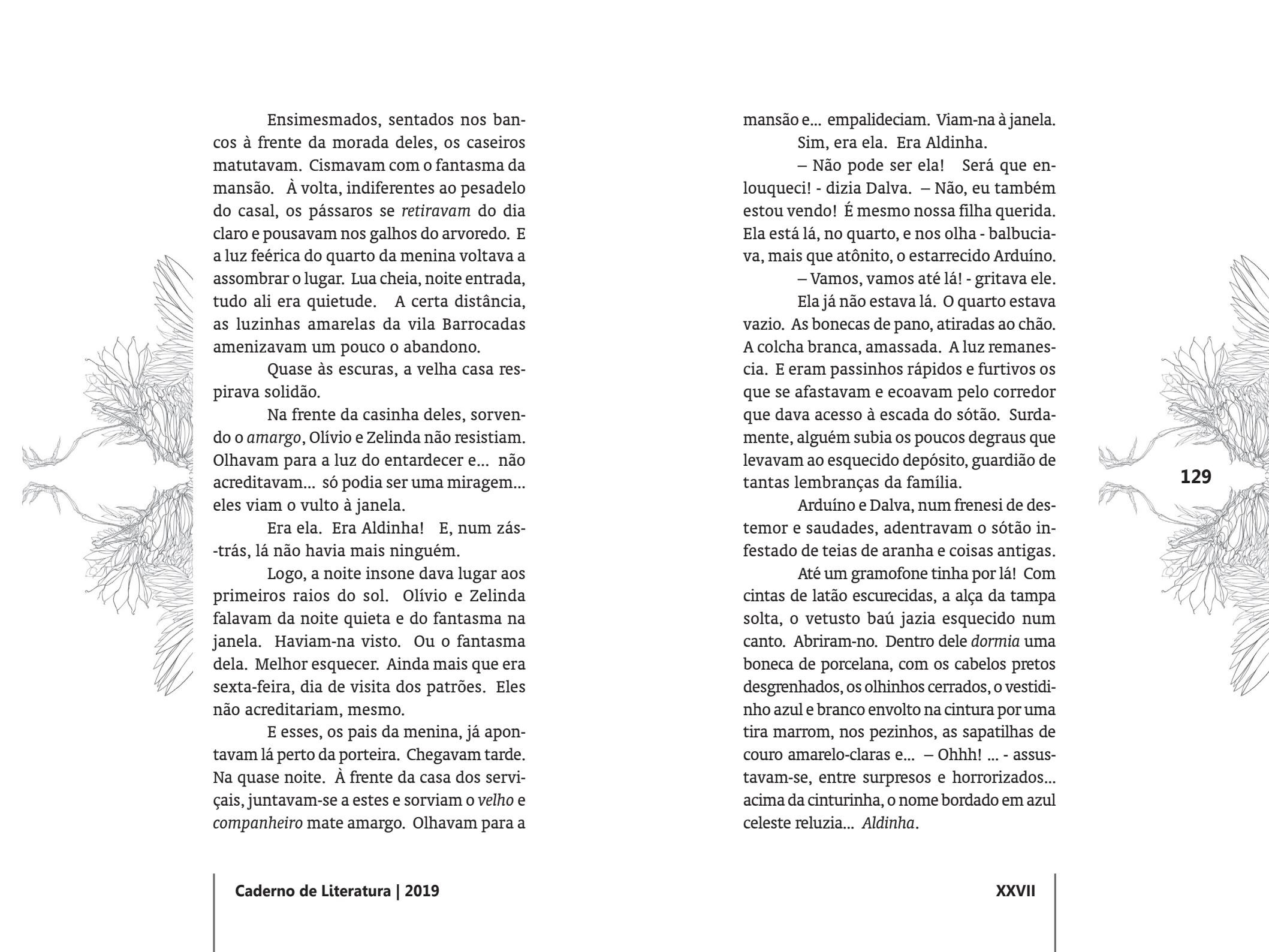
À noite, eles não mais entravam na velha mansão. Desde aquele dia em que os passinhos espocavam por lá, por toda parte. Iam lá sete anos do afogamento da menina no Birigui. E da *assombração* que morava na casa grande.

Também nada contavam a Arduíno e Dalva, os pais de Aldinha.

Eram os herdeiros da quinta. Não iam acreditar, mesmo. Até porque, nas poucas vezes em que lá pousavam, ao entardecer, era Dalva quem ligava a luz do quarto de Aldinha. Não aceitava a partida dela. Ficava por lá, no meio das bonecas, remoendo saudades. Dormia na cama da menina. Era o mesmo quarto limpinho, arrumadinho. Em morte-e-vida. Mais um brinquedo ou boneca de aniversário. O bolo branco, as velinhas.

Até parecia que a menininha ainda morava no casarão solitário.

Era possível. Quem sabe ela não tinha morrido! Ou era o fantasma dela que ainda habitava o lugar!



Ensimesmados, sentados nos bancos à frente da morada deles, os caseiros matutavam com o fantasma da mansão. À volta, indiferentes ao pesadelo do casal, os pássaros se *retiravam* do dia claro e pousavam nos galhos do arvoredo. E a luz feérica do quarto da menina voltava a assombrar o lugar. Lua cheia, noite entrada, tudo ali era quietude. A certa distância, as luzinhas amarelas da vila Barrocadas amenizavam um pouco o abandono.

Quase às escuras, a velha casa respirava solidão.

Na frente da casinha deles, sorvendo o *amargo*, Olívio e Zelinda não resistiam. Olhavam para a luz do entardecer e... não acreditavam... só podia ser uma miragem... eles viam o vulto à janela.

Era ela. Era Aldinha! E, num zás-trás, lá não havia mais ninguém.

Logo, a noite insone dava lugar aos primeiros raios do sol. Olívio e Zelinda falavam da noite quieta e do fantasma na janela. Haviam-na visto. Ou o fantasma dela. Melhor esquecer. Ainda mais que era sexta-feira, dia de visita dos patrões. Eles não acreditariam, mesmo.

E esses, os pais da menina, já apontavam lá perto da porteira. Chegavam tarde. Na quase noite. À frente da casa dos serviciais, juntavam-se a estes e sorviam o *velho e companheiro* mate amargo. Olhavam para a

mansão e... empalideciam. Viam-na à janela.

Sim, era ela. Era Aldinha.

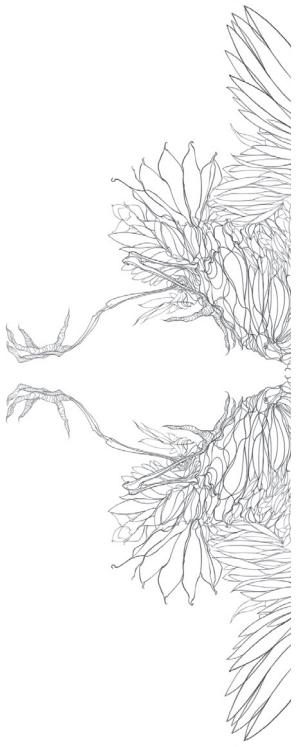
– Não pode ser ela! Será que enlouqueci! - dizia Dalva. – Não, eu também estou vendo! É mesmo nossa filha querida. Ela está lá, no quarto, e nos olha - balbucia-va, mais que atônito, o estarrecido Arduíno.

– Vamos, vamos até lá! - gritava ele.

Ela já não estava lá. O quarto estava vazio. As bonecas de pano, atiradas ao chão. A colcha branca, amassada. A luz remanes-cia. E eram passinhos rápidos e furtivos os que se afastavam e ecoavam pelo corredor que dava acesso à escada do sótão. Surda-mente, alguém subia os poucos degraus que levavam ao esquecido depósito, guardião de tantas lembranças da família.

Arduíno e Dalva, num frenesi de des-temor e saudades, adentravam o sótão infestado de teias de aranha e coisas antigas.

Até um gramofone tinha por lá! Com cintas de latão escurecidas, a alça da tampa solta, o vetusto baú jazia esquecido num canto. Abriram-no. Dentro dele dormia uma boneca de porcelana, com os cabelos pretos desgrenhados, os olhinhos cerrados, o vestidi-nho azul e branco envolto na cintura por uma tira marrom, nos pezinhos, as sapatilhas de couro amarelo-claras e... – Ohhh! ... - assustavam-se, entre surpresos e horrorizados... acima da cinturinha, o nome bordado em azul celeste reluzia... *Aldinha*.



Aquela boneca. Os passos furtivos pela casa. Tudo era assustador. E... de repente o barulho lá atrás. Algo ou alguém se mexera. Deviam ser os gambás do sótão!

Saíam dali, sem notar que, – do canto distante – alumia apenas pela réstia do luar que resvalava da fresta do telhado, uma menina de tez aleitada, com os olhinhos negros e tristes, saudosos, ternamente os fitava.

Pela manhã, a aparição da filha ainda os assombrava.

Transtornava-os.

Profundamente abalados, eles voltavam para Santo Antônio da Patrulha. Deixavam o *delírio no passado*.

Passavam pelo pequeno cemitério da família e, num relance, por sobre a mureta branca... viam... aterrorizados... a laje do sepulcro de Aldinha.

Ela estava entreaberta.

No casarão, ao entardecer, a luz clara voltava ao quarto da menina. De lá, pela janela, alguém mirava as catacumbas brancas do pequeno cemitério e, lá nos fundos da quinta, o correr silencioso das águas do Birigui.

XXVIII

COMO MORREM OS SONHOS

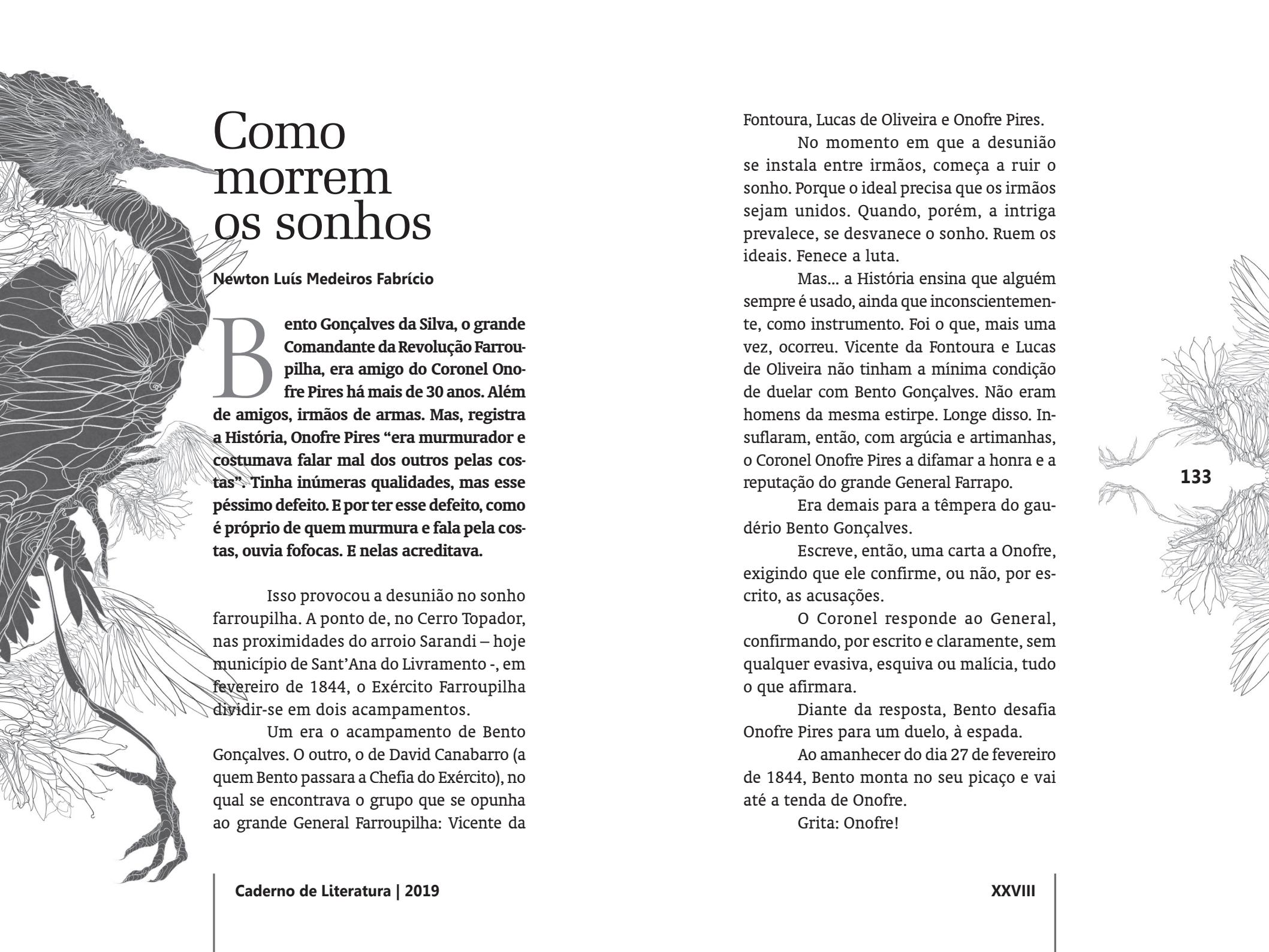


Newton Luís

Medeiros Fabrício

Desembargador do Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul (TJRS), autor do livro *Peleando Contra o Poder* e co-autor das obras 104 que contam e *A descoberta da cidade - Memórias em Porto Alegre*.

131



Como morrem os sonhos

Newton Luís Medeiros Fabrício

Bento Gonçalves da Silva, o grande Comandante da Revolução Farroupilha, era amigo do Coronel Onofre Pires há mais de 30 anos. Além de amigos, irmãos de armas. Mas, registra a História, Onofre Pires “era murmurador e costumava falar mal dos outros pelas costas”. Tinha inúmeras qualidades, mas esse péssimo defeito, como é próprio de quem murmura e fala pela costas, ouvia fofocas. E nelas acreditava.

Isso provocou a desunião no sonho farroupilha. A ponto de, no Cerro Topador, nas proximidades do arroio Sarandi – hoje município de Sant’Ana do Livramento -, em fevereiro de 1844, o Exército Farroupilha dividir-se em dois acampamentos.

Um era o acampamento de Bento Gonçalves. O outro, o de David Canabarro (a quem Bento passara a Chefia do Exército), no qual se encontrava o grupo que se opunha ao grande General Farroupilha: Vicente da

Fontoura, Lucas de Oliveira e Onofre Pires.

No momento em que a desunião se instala entre irmãos, começa a ruir o sonho. Porque o ideal precisa que os irmãos sejam unidos. Quando, porém, a intriga prevalece, se desvanece o sonho. Ruem os ideais. Fenece a luta.

Mas... a História ensina que alguém sempre é usado, ainda que inconscientemente, como instrumento. Foi o que, mais uma vez, ocorreu. Vicente da Fontoura e Lucas de Oliveira não tinham a mínima condição de duelar com Bento Gonçalves. Não eram homens da mesma estirpe. Longe disso. Insuflaram, então, com argúcia e artimanhas, o Coronel Onofre Pires a difamar a honra e a reputação do grande General Farrapo.

Era demais para a têmpera do gaudério Bento Gonçalves.

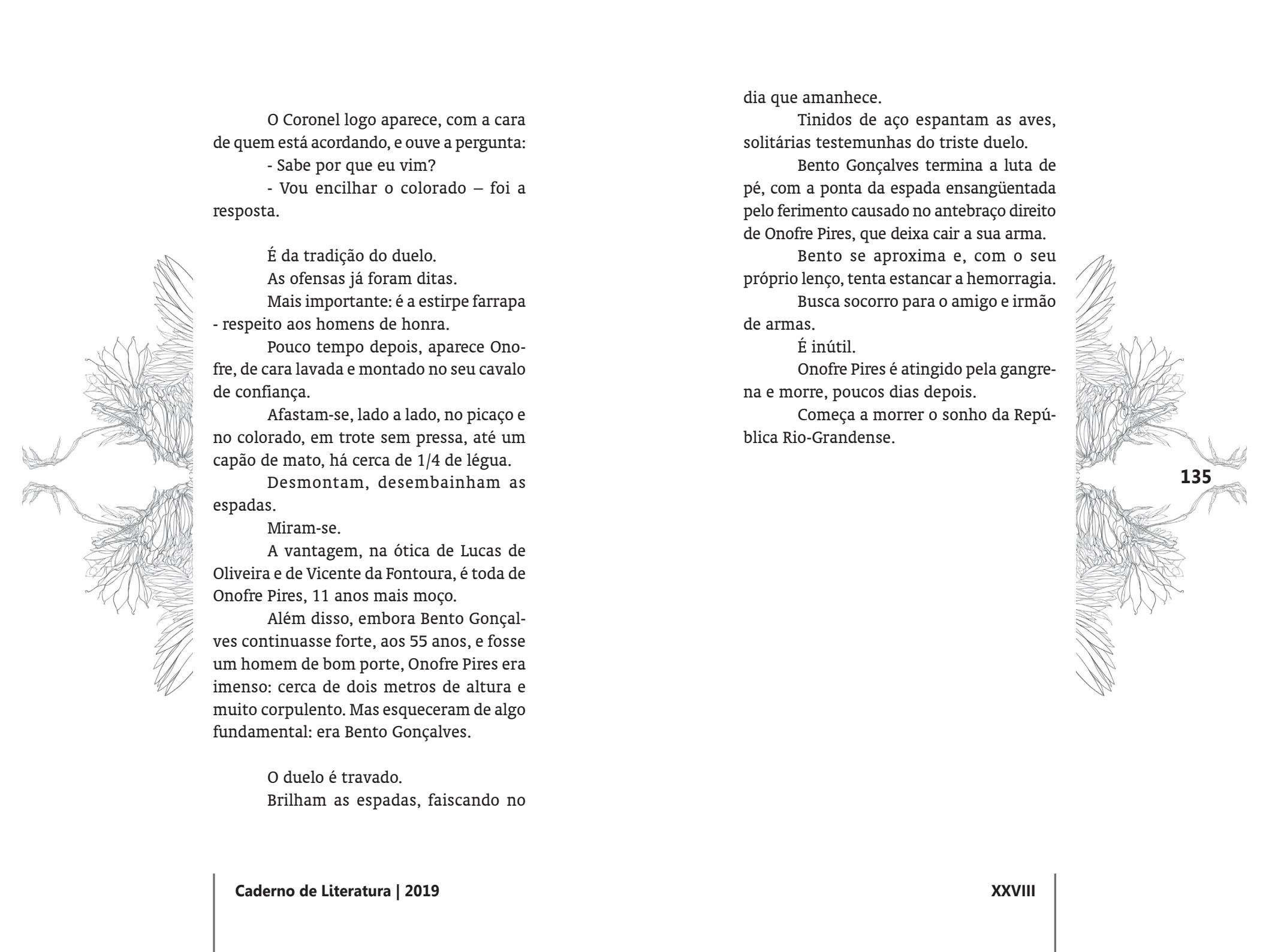
Escreve, então, uma carta a Onofre, exigindo que ele confirme, ou não, por escrito, as acusações.

O Coronel responde ao General, confirmando, por escrito e claramente, sem qualquer evasiva, esquiva ou malícia, tudo o que afirmara.

Diante da resposta, Bento desafia Onofre Pires para um duelo, à espada.

Ao amanhecer do dia 27 de fevereiro de 1844, Bento monta no seu picaço e vai até a tenda de Onofre.

Grita: Onofre!



O Coronel logo aparece, com a cara de quem está acordando, e ouve a pergunta:

- Sabe por que eu vim?
- Vou encilhar o colorado – foi a resposta.

É da tradição do duelo.

As ofensas já foram ditas.

Mais importante: é a estirpe farrapa
- respeito aos homens de honra.

Pouco tempo depois, aparece Onofre, de cara lavada e montado no seu cavalo de confiança.

Afastam-se, lado a lado, no picaço e no colorado, em trote sem pressa, até um capão de mato, há cerca de 1/4 de légua.

Desmontam, desembainham as espadas.

Miram-se.

A vantagem, na ótica de Lucas de Oliveira e de Vicente da Fontoura, é toda de Onofre Pires, 11 anos mais moço.

Além disso, embora Bento Gonçalves continuasse forte, aos 55 anos, e fosse um homem de bom porte, Onofre Pires era imenso: cerca de dois metros de altura e muito corpulento. Mas esqueceram de algo fundamental: era Bento Gonçalves.

O duelo é travado.

Brilham as espadas, faismando no

dia que amanhece.

Tinidos de aço espantam as aves,
solitárias testemunhas do triste duelo.

Bento Gonçalves termina a luta de pé, com a ponta da espada ensanguentada pelo ferimento causado no antebraço direito de Onofre Pires, que deixa cair a sua arma.

Bento se aproxima e, com o seu próprio lenço, tenta estancar a hemorragia.

Busca socorro para o amigo e irmão de armas.

É inútil.

Onofre Pires é atingido pela gangrena e morre, poucos dias depois.

Começa a morrer o sonho da República Rio-Grandense.

XXIX

ATÉ ONDE O SANGUE ESCORRE

Paula Cunha

Nascida na cidade de Uruguaiana (RS), gêmea univitelina, filha de uma professora e um artista plástico.

Atualmente mora em Passo Fundo (RS). Casada e não tem filhos. Professora de Língua Portuguesa (Fundamental II), em uma escola particular.

137



Até onde o sangue escorre

Paula Cunha

Escrever é sangrar pelas pontas dos dedos
Eu escrevo quando sangro
Eu sangro porque escrevo

Tenho a vida motivos me doando
Tenho o universo confessando segredos

Letras lentas corrompem o branco do papel
Letras pretas pintam esse vazio, que agora é céu
Vangoguiano de estrelas
Grafocêntrico em tons de mel

A tecla, que não é velha
Não é mais romântica
Que a letra à caneta
Mostre-me as policromáticas
Mesmo assim eu serei clássica
Eu serei preta

Eu gosto de preto no branco
Eu gosto de terra e raiz
A caneta dançando
O papel era árvore
Agora é cicatriz

E tudo é orgânico
Nessa dança, nessa valsa
Escorro líquida
Pela fluidez de cada palavra

Sangro agora
Sangro desde a menarca
Sou rubra feito a aurora
Amazona de flecha e arco

Mulher íntegra
As vezes aos pedaços
Sangrando em poema
Mulher inteira
Sabe que sempre sangra
Mesmo desde pequena.

XXX

O NOME
DELE
É THEO

Regina Fabrício

Psicóloga em Porto Alegre.



141



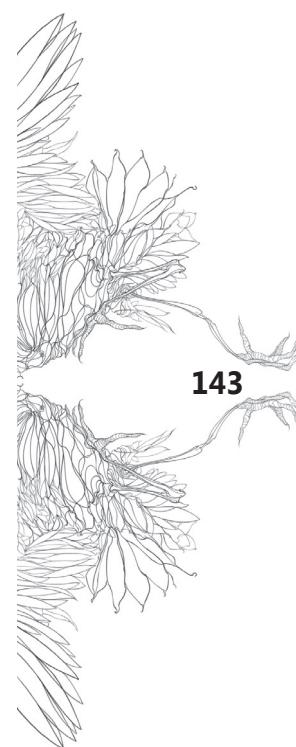
O nome dele é Theo

Regina Fabrício

Inspirado no sobrinho
Theo Fabrício Giacobbe

Cabelos dourados feito trigo,
é uma criança
Ele é tão querido, por todos muito amado
Quando pequeno parecia
o Pequeno Príncipe
Trago na memória da retina e do afeto:
Ele espera a tia na porta
com alegria e expectativa.
Desde então, aquece meu coração.
Quando o visito, agora já crescido,
sempre me tem respeito:
retira o fone de ouvido para me escutar,
as músicas podem esperar.
Os livros também.
Tem por eles gosto na companhia,
das prediletas,
isso é certo.
Seu aprendizado é contínuo.
Ele não sabe, mas eu considero
os seus olhos castanhos tão belos
tal qual aquela música canta.
Quando sorri tão largo, franco e bonito
demonstra, tem no peito a bonança e paz.

Assim, ilumina todo o ambiente;
com leveza, como um bom perfume,
deixa a sua marca.
Justo, íntegro e estóico
dribla com sabedoria os acontecimentos.
Ele sabe de amor muito mais do que eu.
Com ele a Filosofia é ainda
mais atraente e instigante.
Quem o conhece, sabe também:
mais profundo é o amor à Palavra.
“Cresce em estatura e sabedoria
diante de Deus”
como também devemos fazer
mas, sinceramente,
perto dele seguiremos meros aprendizes.
Ele já entendeu algo mais além.



XXXI

FRAGMENTOS

Ricardo Mainieri

Nasceu em Porto Alegre,
safra de 1960. Publicitário,
jornalista e funcionário público
aposentado. Autor do livro-
solo *A travessia dos espelhos*,
poesia, 1990(IEL/Igel, RS).

145

Fragmentos

Ricardo Mainieri

estamos aqui
atravessamos
ruas sem calçamento
avenidas de árido asfalto
passagens escuras
palavras escusas
algumas torturas
nestes tempos todos
concluímos um ciclo
de memória & dor
restamos vivos
e isso pulsa intenso
somos feitos
do avesso
de uma outra consistência
por isso
temos a alma marcada
a fogo
por isso
cicatrizes são medalhas
que reluzem
como mil sóis
quando desponta a manhã.

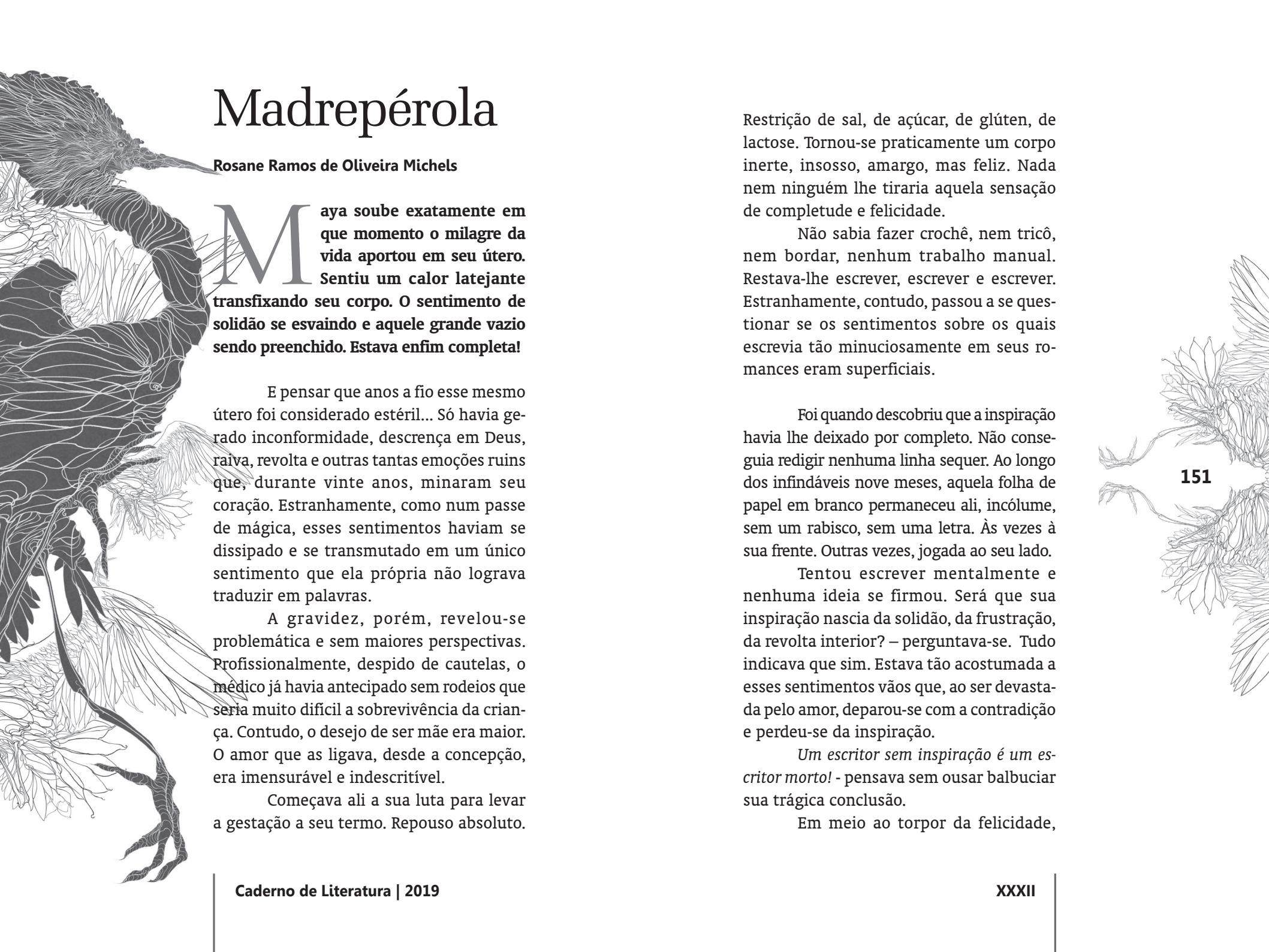


XXXII

MADREPÉROLA

Rosane Ramos
de Oliveira Michels
Magistrada. Especialista em
Filosofia Contemporânea.

149



Madrepérola

Rosane Ramos de Oliveira Michels

Maya soube exatamente em que momento o milagre da vida aportou em seu útero. Sentiu um calor latejante transfixando seu corpo. O sentimento de solidão se esvaindo e aquele grande vazio sendo preenchido. Estava enfim completa!

E pensar que anos a fio esse mesmo útero foi considerado estéril... Só havia gerado inconformidade, descrença em Deus, raiva, revolta e outras tantas emoções ruins que, durante vinte anos, minaram seu coração. Estranhamente, como num passe de mágica, esses sentimentos haviam se dissipado e se transmutado em um único sentimento que ela própria não lograva traduzir em palavras.

A gravidez, porém, revelou-se problemática e sem maiores perspectivas. Profissionalmente, desrido de cautelas, o médico já havia antecipado sem rodeios que seria muito difícil a sobrevivência da criança. Contudo, o desejo de ser mãe era maior. O amor que as ligava, desde a concepção, era imensurável e indescritível.

Começava ali a sua luta para levar a gestação a seu termo. Repouso absoluto.

Restrição de sal, de açúcar, de glúten, de lactose. Tornou-se praticamente um corpo inerte, insosso, amargo, mas feliz. Nada nem ninguém lhe tiraria aquela sensação de completude e felicidade.

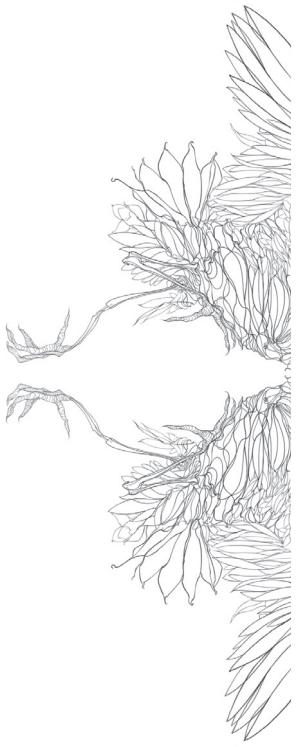
Não sabia fazer crochê, nem tricô, nem bordar, nenhum trabalho manual. Restava-lhe escrever, escrever e escrever. Estranhamente, contudo, passou a se questionar se os sentimentos sobre os quais escrevia tão minuciosamente em seus romances eram superficiais.

Foi quando descobriu que a inspiração havia lhe deixado por completo. Não conseguia redigir nenhuma linha sequer. Ao longo dos infindáveis nove meses, aquela folha de papel em branco permaneceu ali, incólume, sem um rabisco, sem uma letra. Às vezes à sua frente. Outras vezes, jogada ao seu lado.

Tentou escrever mentalmente e nenhuma ideia se firmou. Será que sua inspiração nascia da solidão, da frustração, da revolta interior? – perguntava-se. Tudo indicava que sim. Estava tão acostumada a esses sentimentos vãos que, ao ser devastada pelo amor, deparou-se com a contradição e perdeu-se da inspiração.

Um escritor sem inspiração é um escritor morto! - pensava sem ousar balbuciar sua trágica conclusão.

Em meio ao torpor da felicidade,



não se percebia mais só. Contraditoriamente sentia-se inerte, sem vida. Comparava-se a uma ostra, tamanho o sofrimento passado para gerar aquele serzinho tão pequeno e frágil. Gostava de imaginar que sua inspiração perdida se transformara na madrepérola que moldava aquele minúsculo grão de areia invasor, no caso, muito desejado.

Voltou a refletir sobre a existência de Deus. Sentia-se abençoada. A gratidão permeava seu espírito. Todavia, não sabia mais rezar. Encontrou forças na lembrança de sua mãe que, nos momentos dificeis, sempre enfática, dizia: *Maya, tudo na vida passa!* Por mais singelas e óbvias que essas palavras pareçam, tinham funcionado muito bem na sua infância.

Enfim, tudo havia passado. Mais uma vez, o velho jargão materno a havia ajudado. E, diferentemente dos seus romances, o final feliz já estava sacramentado. Fruto da união do *amor* com a *inspiração* veio à luz, Pérola e, junto com ela, a mais bela e inspiradora personagem do seu primeiro *best-seller*.



XXXIII

MEU CORAÇÃO NÃO É EMOJI

Sabrina Dalbelo

Escritora e servidora do Ministério Pùblico Federal, reside em Bento Gonçalves (RS).

Colaboradora do blog *As Contistas*, publicou os livros de poemas *Baseado em Pessoas Reais* (Poesias Escolhidas, 2017) e *Lente de aumento para coisas grandes* (Penalux, 2018). Aluna da ESM/AJURIS em 2002.

153



Meu Coração não é Emoji

Sabrina Dalbelo

eu nunca te ouvi chorar
porque quando esteve triste
teclou deixa pra lá, desconversou
enviou um sinal seco de ok
me bloqueou e sumiu calado

eu nunca te vi gargalhar
porque não me atende no vídeo
eu só vi emoji que chora de rir
e também um monte de kkk
mas não sei se sou engraçado

eu não sinto mais teu cheiro
nem sei se tu gosta de mim
ou se me manda flores e corações
só porque a gaivota azul mostra
que eu tenho te procurado

eu não sei como tu te sente
às vezes não entendo o que digita
os áudios só me confundem
e como não te olho nos olhos
falta entonação ao teclado

não acho que converso contigo
essas abreviações não me contam de ti
só sinto a tua pressa
nem mesmo enquanto teclamos
me sinto contigo ou ao teu lado

verde, roxo, azul ou vermelho
duplo, girando, batendo
cintilante, com laço, flechado
nenhum desses é o teu coração
e na tela não cabe o meu, apertado

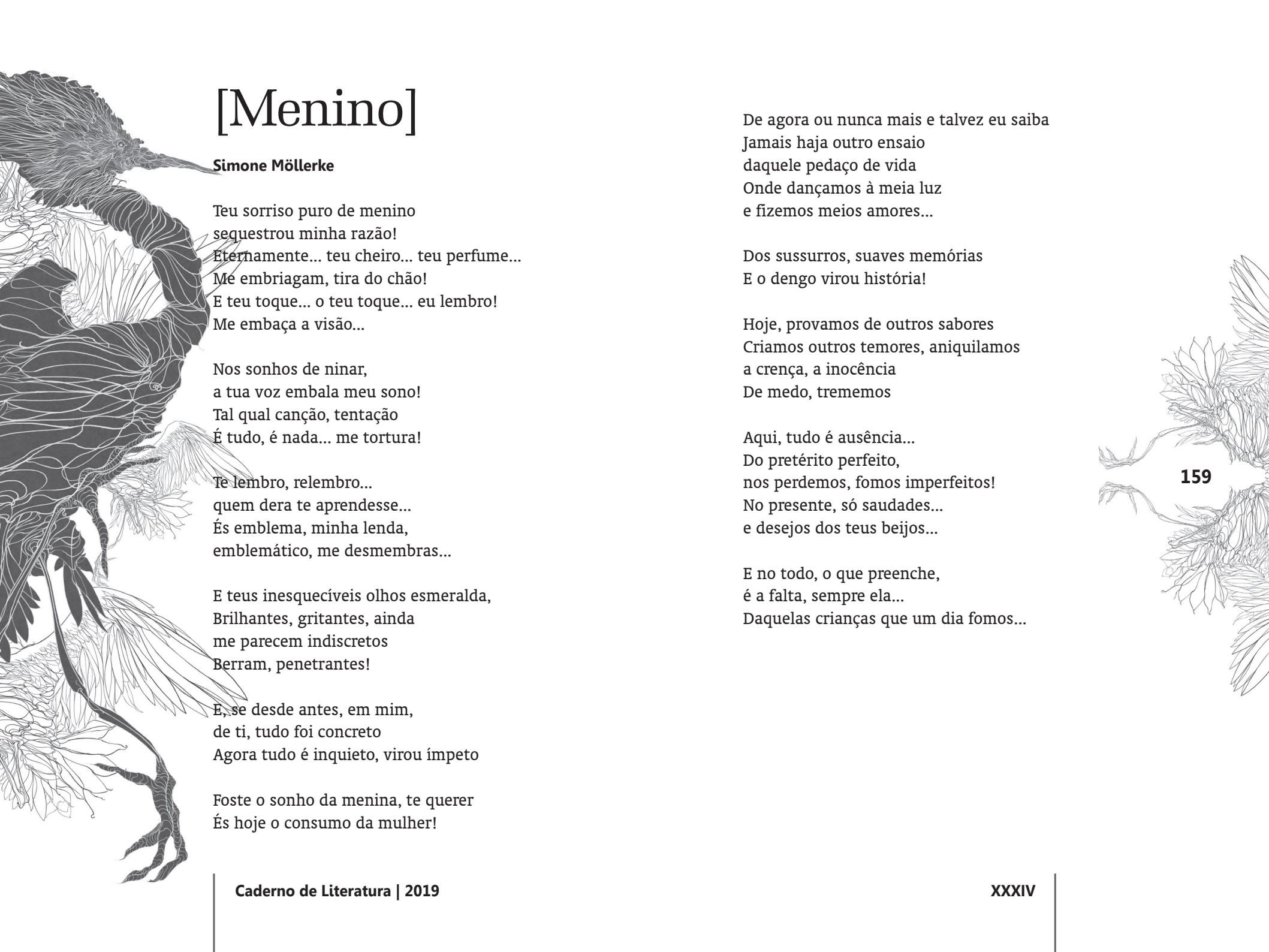
XXXIV

[MENINO]

Simone Möllerke

Arquiteta e Urbanista – graduada
pela Faculdade Ritter dos Reis
e mestra em Planejamento
Urbano e Regional pelo
Programa de Pós-Graduação em
Planejamento Urbano e Regional
da Universidade Federal
do Rio Grande do Sul (PROPUR/
UFRGS) por profissão,
poetisa por adoção.

157



[Menino]

Simone Möllerke

Teu sorriso puro de menino
sequestrou minha razão!
Eternamente... teu cheiro... teu perfume...
Me embriagam, tira do chão!
E teu toque... o teu toque... eu lembro!
Me embaça a visão...

Nos sonhos de ninar,
a tua voz embala meu sono!
Tal qual canção, tentação
É tudo, é nada... me tortura!

Te lembro, relembro...
quem dera te aprendesse...
És emblema, minha lenda,
emblemático, me desmembras...

E teus inesquecíveis olhos esmeralda,
Brilhantes, gritantes, ainda
me parecem indiscretos
Berram, penetrantes!

E, se desde antes, em mim,
de ti, tudo foi concreto
Agora tudo é inquieto, virou ímpeto

Foste o sonho da menina, te querer
És hoje o consumo da mulher!

De agora ou nunca mais e talvez eu saiba
Jamais haja outro ensaio
daquele pedaço de vida
Onde dançamos à meia luz
e fizemos meios amores...

Dos sussurros, suaves memórias
E o dengo virou história!

Hoje, provamos de outros sabores
Criamos outros temores, aniquilamos
a crença, a inocência
De medo, trememos

Aqui, tudo é ausência...
Do pretérito perfeito,
nos perdemos, fomos imperfeitos!
No presente, só saudades...
e desejos dos teus beijos...

E no todo, o que preenche,
é a falta, sempre ela...
Daquelas crianças que um dia fomos...

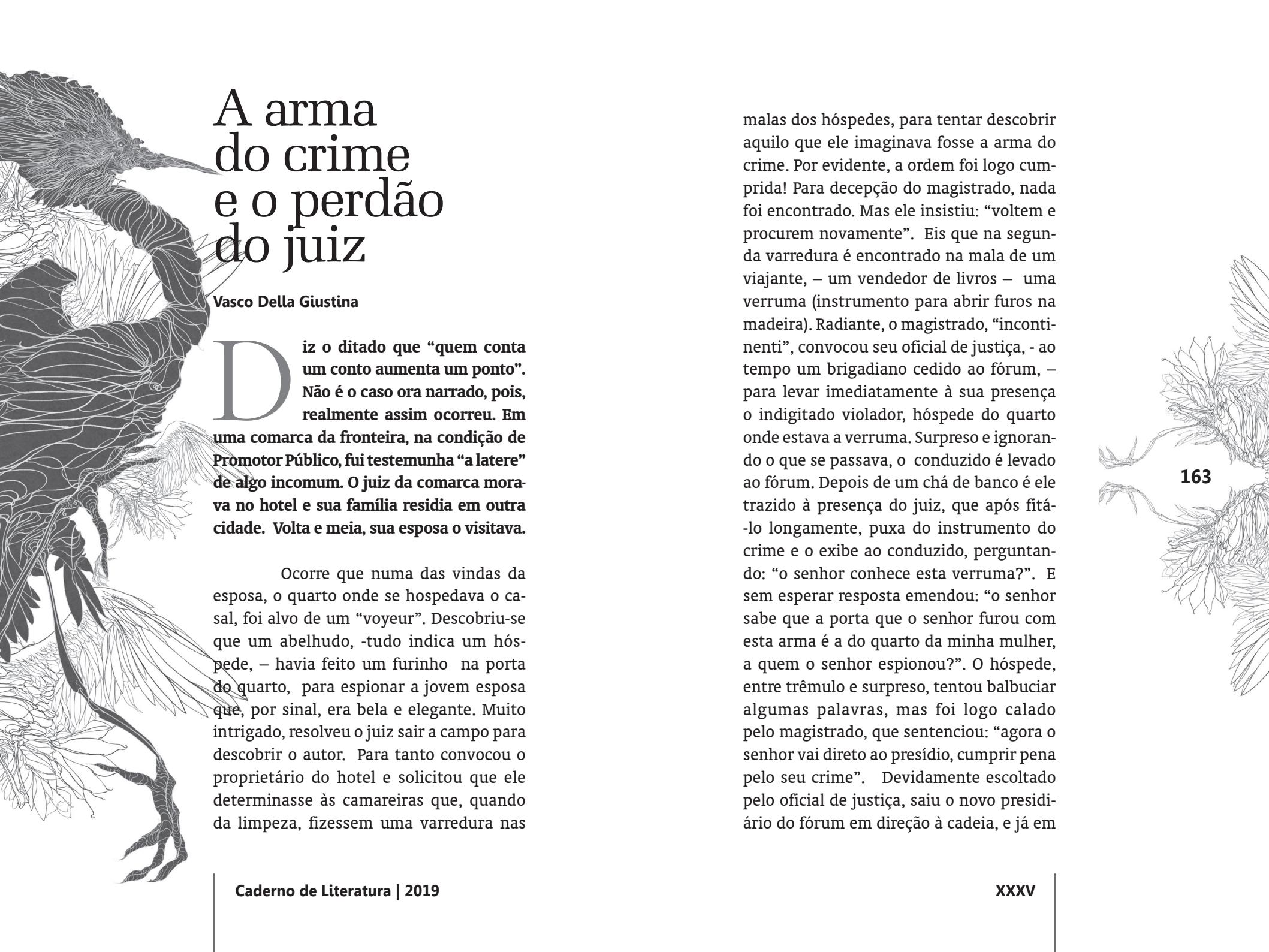
XXXV

A ARMA DO CRIME E O PERDAO DO JUIZ

Vasco Della Giustina

Desembargador
aposentado do TJRS.

161



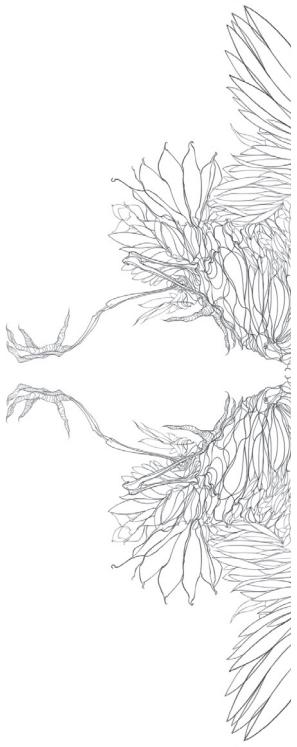
A arma do crime e o perdão do juiz

Vasco Della Giustina

Diz o ditado que “quem conta um conto aumenta um ponto”. Não é o caso ora narrado, pois, realmente assim ocorreu. Em uma comarca da fronteira, na condição de Promotor Público, fui testemunha “a latere” de algo incomum. O juiz da comarca morava no hotel e sua família residia em outra cidade. Volta e meia, sua esposa o visitava.

Ocorre que numa das vindas da esposa, o quarto onde se hospedava o casal, foi alvo de um “voyeur”. Descobriu-se que um abelhudo, -tudo indica um hóspede, - havia feito um furinho na porta do quarto, para espionar a jovem esposa que, por sinal, era bela e elegante. Muito intrigado, resolveu o juiz sair a campo para descobrir o autor. Para tanto convocou o proprietário do hotel e solicitou que ele determinasse às camareiras que, quando da limpeza, fizessem uma varredura nas

malas dos hóspedes, para tentar descobrir aquilo que ele imaginava fosse a arma do crime. Por evidente, a ordem foi logo cumprida! Para decepção do magistrado, nada foi encontrado. Mas ele insistiu: “voltem e procurem novamente”. Eis que na segunda varredura é encontrado na mala de um viajante, – um vendedor de livros – uma verruma (instrumento para abrir furos na madeira). Radiante, o magistrado, “incontinenti”, convocou seu oficial de justiça, - ao tempo um brigadiano cedido ao fórum, – para levar imediatamente à sua presença o indigitado violador, hóspede do quarto onde estava a verruma. Surpreso e ignorando o que se passava, o conduzido é levado ao fórum. Depois de um chá de banco é ele trazido à presença do juiz, que após fitá-lo longamente, puxa do instrumento do crime e o exibe ao conduzido, perguntando: “o senhor conhece esta verruma?”. E sem esperar resposta emendou: “o senhor sabe que a porta que o senhor furou com esta arma é a do quarto da minha mulher, a quem o senhor espionou?”. O hóspede, entre trêmulo e surpreso, tentou balbuciar algumas palavras, mas foi logo calado pelo magistrado, que sentenciou: “agora o senhor vai direto ao presídio, cumprir pena pelo seu crime”. Devidamente escoltado pelo oficial de justiça, saiu o novo presidiário do fórum em direção à cadeia, e já em



meio à praça principal, foi chamado de volta pelo magistrado. Retornando à presença da autoridade, disse-lhe o juiz: "Desta vez eu vou lhe perdoar. Mas o senhor tome o primeiro ônibus que vai a Porto Alegre e nunca mais ponha os pés por aqui". O novo perdoado, agora aliviado, saiu rápido do fórum, em meio a olhares curiosos dos funcionários e desapareceu da cidade. Consta que até hoje ele nunca mais ali retornou!!! Se crimes ou exageros houve, a esta altura pouco importa, pois os mais de cinquenta anos decorridos do episódio, se encarregaram de deixar tudo prescrever!

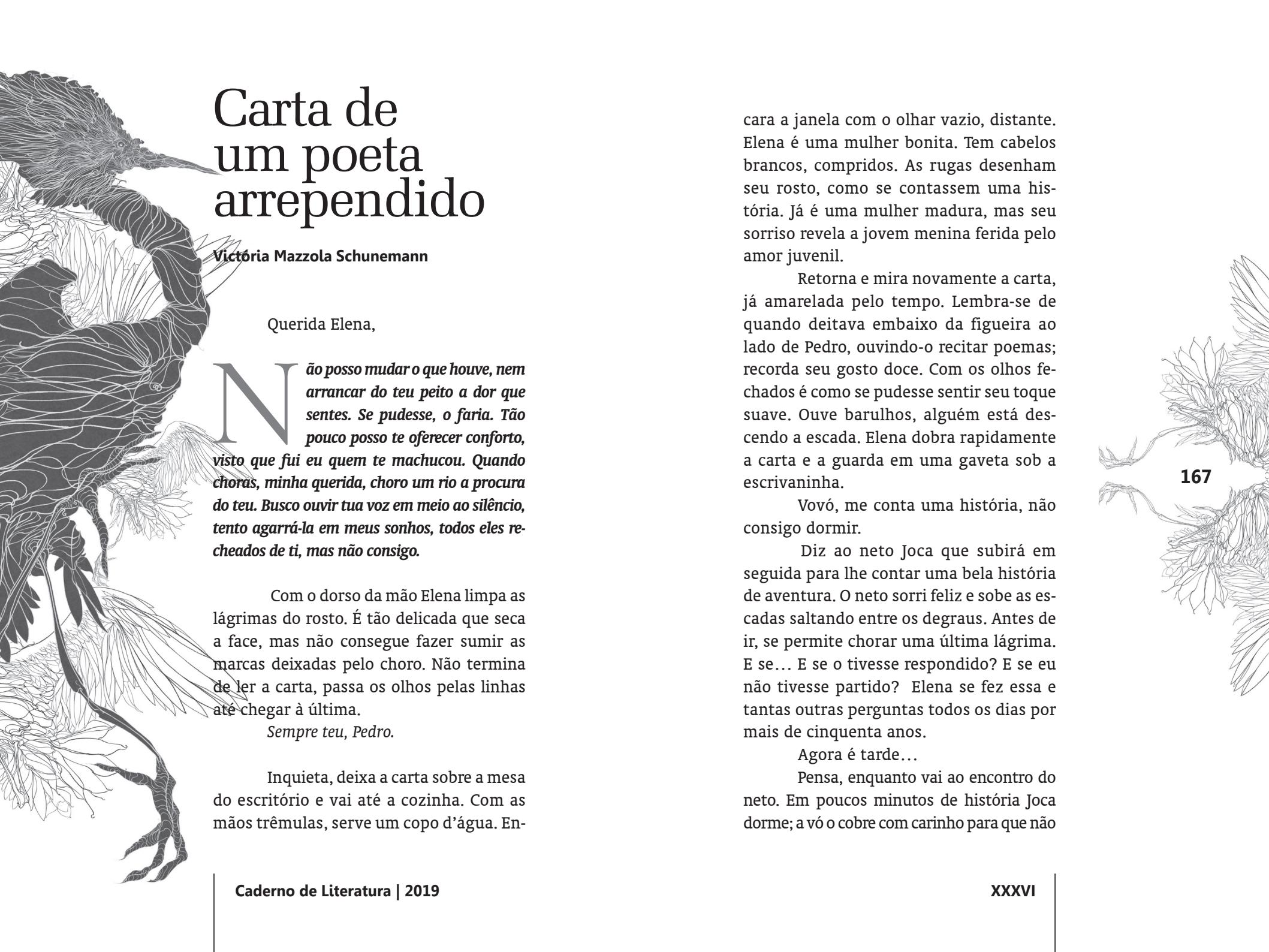


XXXVI

CARTA DE UM POETA ARREPENDIDO

Victoria Mazzola Schunemann

Psicóloga, especialista em terapias
cognitivo-comportamentais
e escritora.



Carta de um poeta arrependido

Victoria Mazzola Schunemann

Querida Elena,

Não posso mudar o que houve, nem arrancar do teu peito a dor que sentes. Se pudesse, o faria. Tão pouco posso te oferecer conforto, visto que fui eu quem te machucou. Quando choras, minha querida, choro um rio a procura do teu. Busco ouvir tua voz em meio ao silêncio, tento agarrá-la em meus sonhos, todos eles recheados de ti, mas não consigo.

Com o dorso da mão Elena limpa as lágrimas do rosto. É tão delicada que seca a face, mas não consegue fazer sumir as marcas deixadas pelo choro. Não termina de ler a carta, passa os olhos pelas linhas até chegar à última.

Sempre teu, Pedro.

Inquieta, deixa a carta sobre a mesa do escritório e vai até a cozinha. Com as mãos trêmulas, serve um copo d'água. En-

cara a janela com o olhar vazio, distante. Elena é uma mulher bonita. Tem cabelos brancos, compridos. As rugas desenham seu rosto, como se contassem uma história. Já é uma mulher madura, mas seu sorriso revela a jovem menina ferida pelo amor juvenil.

Retorna e mira novamente a carta, já amarelada pelo tempo. Lembra-se de quando deitava embaixo da figueira ao lado de Pedro, ouvindo-o recitar poemas; recorda seu gosto doce. Com os olhos fechados é como se pudesse sentir seu toque suave. Ouve barulhos, alguém está descendo a escada. Elena dobra rapidamente a carta e a guarda em uma gaveta sob a escrivaninha.

Vovó, me conta uma história, não consigo dormir.

Diz ao neto Joca que subirá em seguida para lhe contar uma bela história de aventura. O neto sorri feliz e sobe as escadas saltando entre os degraus. Antes de ir, se permite chorar uma última lágrima. E se... E se o tivesse respondido? E se eu não tivesse partido? Elena se fez essa e tantas outras perguntas todos os dias por mais de cinquenta anos.

Agora é tarde...

Pensa, enquanto vai ao encontro do neto. Em poucos minutos de história Joca dorme; a vó o cobre com carinho para que não

passe frio e beija-lhe a testa. Para em frente ao seu quarto, mas não consegue entrar.

Agora é tarde...

Desce até o escritório, acomoda-se na escrivaninha e acende o abajur. Abre a gaveta, segura a carta e desdobra seu passado. Escolhe um pedaço de papel, toma uma caneta de cima da mesa e mesmo que tarde, decide escrever.

Caro Pedro,

...

XXXVII

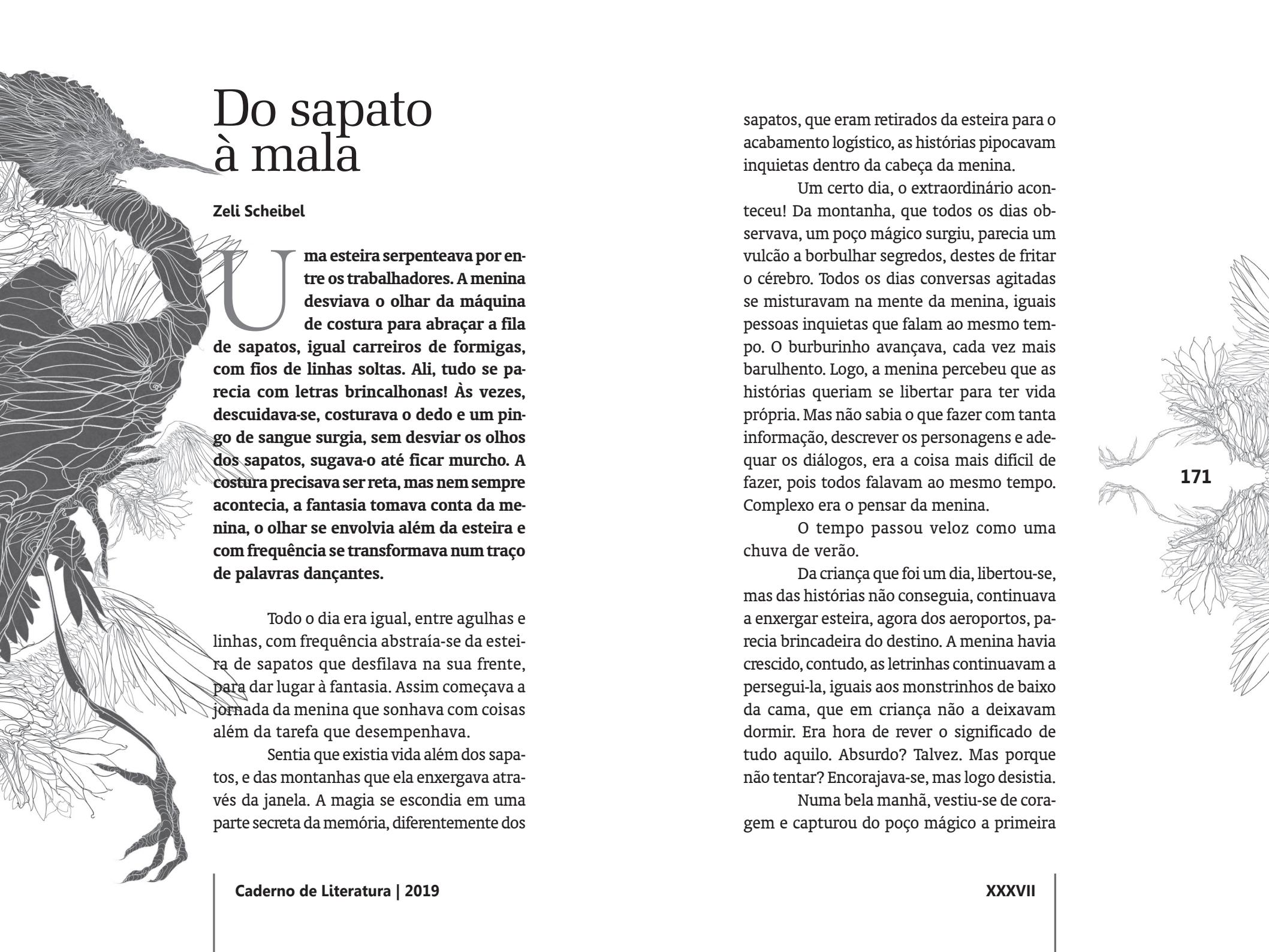
DO SAPATO À MALA

Zeli Scheibel

Escritora gaúcha de romances espiritualistas. Pós-graduada em Psicologia Transpessoal – Alubrat/RS. Graduada em Relações Públicas pela Universidade

FEEVALE (RS). Certificada em Líder Coach pela International Coach Federation (CCE). Formada em Storytelling pela McSill Story Studio. Facilitadora do Método de Escrita Autorreflexiva - Diário das Memórias Alegres. Acadêmica Correspondente da Academia Internacional de Artes, Letras e Ciência A Palavra do Século 21. Autora dos livros *As Rosas do Sobrado Azul*, *Posso te Amar*, *No Divã da Natureza* e *Muito Além do Perdão*, entre outros. Contos publicados: *O Baú*, pelo Caderno de Literatura – coleção 2018 – AJURIS. “*Em Busca da Boina Perdida*”, premiado em segundo lugar no 29º Concurso ALPAS 21, publicado em 2018, pela Editora Gaya na Coletânea Internacional “Malabarista do Tempo”. Em 2019 *O Grão de areia*, pela Coletânea Internacional “Paraty” pela Editora Gaya.

169



Do sapato à mala

Zeli Scheibel

Uma esteira serpenteava por entre os trabalhadores. A menina desviava o olhar da máquina de costura para abraçar a fila de sapatos, igual carreiros de formigas, com fios de linhas soltas. Ali, tudo se parecia com letras brincalholas! Às vezes, descuidava-se, costurava o dedo e um pingo de sangue surgia, sem desviar os olhos dos sapatos, sugava-o até ficar murcho. A costura precisava ser reta, mas nem sempre acontecia, a fantasia tomava conta da menina, o olhar se envolvia além da esteira e com frequência se transformava num traço de palavras dançantes.

Todo o dia era igual, entre agulhas e linhas, com frequência abstraía-se da esteira de sapatos que desfilava na sua frente, para dar lugar à fantasia. Assim começava a jornada da menina que sonhava com coisas além da tarefa que desempenhava.

Sentia que existia vida além dos sapatos, e das montanhas que ela enxergava através da janela. A magia se escondia em uma parte secreta da memória, diferentemente dos

sapatos, que eram retirados da esteira para o acabamento logístico, as histórias pipocavam inquietas dentro da cabeça da menina.

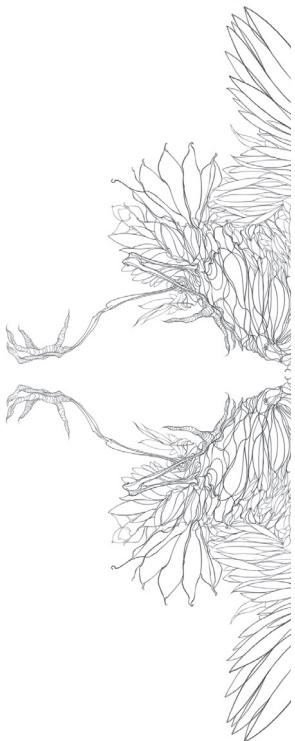
Um certo dia, o extraordinário aconteceu! Da montanha, que todos os dias observava, um poço mágico surgiu, parecia um vulcão a borbulhar segredos, destes de fritar o cérebro. Todos os dias conversas agitadas se misturavam na mente da menina, iguais pessoas inquietas que falam ao mesmo tempo. O burburinho avançava, cada vez mais barulhento. Logo, a menina percebeu que as histórias queriam se libertar para ter vida própria. Mas não sabia o que fazer com tanta informação, descrever os personagens e adequar os diálogos, era a coisa mais difícil de fazer, pois todos falavam ao mesmo tempo. Complexo era o pensar da menina.

O tempo passou veloz como uma chuva de verão.

Da criança que foi um dia, libertou-se, mas das histórias não conseguia, continuava a enxergar esteira, agora dos aeroportos, parecia brincadeira do destino. A menina havia crescido, contudo, as letrinhas continuavam a perseguí-la, iguais aos monstrinhos de baixo da cama, que em criança não a deixavam dormir. Era hora de rever o significado de tudo aquilo. Absurdo? Talvez. Mas porque não tentar? Encorajava-se, mas logo desistia.

Numa bela manhã, vestiu-se de coragem e capturou do poço mágico a primeira

história que insistia em borboletear por aí. Foi amor à primeira vista. Neste dia, descobriu que a maior aventura carregava dentro de si, cheia de possibilidades. Ainda que a ousadia em dar asas à imaginação fosse desafiadora, fazia todo o sentido embarcar na viagem das histórias. Assim, cheia de ideias, abriu espaço para os livros, malas e viagens.





CADERNO DE
28
Literatura
MAJURIS

COLEÇÃO • 2019

Este livro foi impresso
nas fontes Oranda, Gisha e Zapf
Elliptical 711, e impresso no papel
Polen 80g/m² e Cartão 250g/m²
na Gráfica Odisséia.